

Oferta
- 10. NOV. 1993

ANO IV - N.º 169
10
AGOSTO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

O COMBÓIO MISTÉRIO DO GENERAL MONTGOMERY

(Leia, na página 5, uma reportagem indiscreta à volta de uma viagem de inspecção)



**VIDA
MUNDIAL**

São 31 as crianças que a benemérita Creche do Alto do Pina enviou este ano para a Parede, onde ficaram instaladas no Sanatório de Santana. Quinze dias de sol, de luz, de liberdade e de pão certo! - (Foto Seródio)

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

O heroísmo dos que andam de "eléctrico"

UMA das provas de maior resistência física que este saudável clima de guerra tem proporcionado ao lisboeta é andar nos eléctricos. Julgou-se, ao princípio, que a aglomeração do público por via dum trajecto incómodo que Santo Amaro patrocina — como Deus dos mártires — fôsse devido à redução dos transportes: a gasolina a prejudicar os automóvels e a escassez da fava a emmagreecer os cavalos. Porém, cedo se verificou que não era assim: a Companhia, com todos os carros em pleno tráfego, é insuficiente para dar razão à onda humana, que cada vez avassala mais. Deve-se atender a duas coisas: Lisboa tem hoje à volta de 900.000 pessoas — e o lisboeta deshabitou-se de andar a pé.

E não anda a pé, porque meias solas custam hoje, no respeitável sapateiro, os olhos da cara. De modo que, feitas as contas, em cinco quilómetros que os bates galgarem, além do sudoroso que se apanha, do cansaço físico — que nada compensa — o desgaste material, isto é, o que se rompe nas solas, chega a valer mais que os oito tostões que se paga à Companhia. Uma coisa se nos oferece à curiosidade quando vimos os carros abarrotados, com cabeças que gesticulam, com um cheiro forte a gente espreguidada: é o heroísmo apagado daquele público anónimo. Viajar de eléctrico é hoje uma audácia que nem todos se podem sujeitar. Suponham os que sofrem de tonturas, aqueles que sentem perturbações quando estão muito tempo em pé, suponham, enfim, tudo isso; reparem, depois, nas confortáveis plataformas, cheias, apinhadas, com canastras, malas, bilhas, embrulhos, crianças ao colo e gramafones humanos sempre a falar, com corda perpétua; e agora localizem aí, no meio daquela barafunda, uma senhora bem nutrida, sofredora de despesa, nervosa hereditária, que refila a cada encontrão. Daí a pouco a plataforma é uma autêntica Praga da Figueira. Grita o condutor, insultam-se os passageiros, faz-se chinfrim — e, pachorrento, incómodo, com a carroça à frente, o eléctrico vai avançando... a passo de boi. Há dias, na paragem-zona dos carros da Estréla, esperávamos, havia só cinquenta minutos, que viesse um eléctrico que nos levasse a casa. Eram sete horas da tarde — o que equivaie a dizer que era a hora perigosa.

Realmente, depois das lojas fecharem a paragem-zona tem um aspecto de arrabal. Costureiras, modistas de roupas de baixo, empregadas de bazar, caixeiros e empregados comerciais, tudo amalgamado e de estômago vazio, numa impaciência, a pé firme, com resignação, esperam o carro que, ironicamente, vem sempre cheio. Quando o carro estaca, na plataforma de trás, já uma companhia de acrobatas vem pendurada no estribo. Uns de esgueiha, com a lancheira, outros agarrados aos balaustrões, outros em cima dos estribos em posições cómicas — e, para cúmulo, dentro, uns sujeitos pacatos, bem sentados, conversando amigavelmente ou lendo o jornal. Como é isto possível?

Unicamente porque vão apanhar o carro fora da paragem-zona — e não se importam de sacrificar \$50 ao conforto que a Companhia lhes proporciona. Mas temos dizendo: o carro entra na paragem. Então, ordenadamente, com a delicadeza que o nosso brio reclama, senhoras e crianças são espelhadas, empurradas, naquela onda impetuosa que, acima de tudo, procura arranjar um lugar. Refila-se, faz-se barulho, mas, infelizmente, ninguém conhece as normas da boa educação...

Faz-nos lembrar aquela anedota do carro que ia cheio. Na plataforma, apinhada, algumas senhoras, entre encontrões, faziam esforços para se conservarem no meio daquela avalanche. Sentados, muitos cavalheiros, comodamente instalados, lendo os jornais da tarde. No banco mesmo rente à plataforma, dois sujeitos, atada novos, conversavam animadamente. Foi então que uma senhora se lembrou de dizer bem alto: «Não há educação nenhuma!».

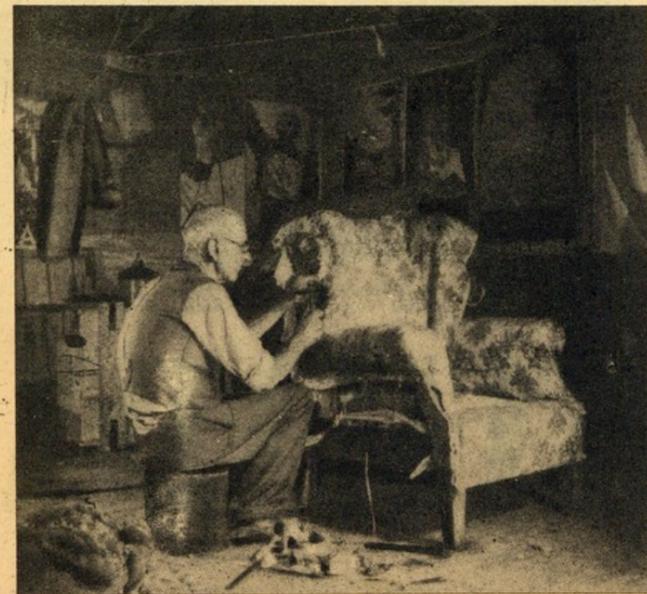
Ao que um cavalheiro daqueles que se sentiam ajeitados, retorquiu: «Perdão, minha senhora; educação há, o que não há é lugar sentado!».

De facto, isto de se dar lugar a uma senhora vai passando de moda. Ninguém se levanta. E já temos reparado que muitas vezes são senhoras que se levantam para, educadamente, oferecerem o lugar a uma senhora mais idosa. Ora isto, francamente, não está certo. Cada um deve ter brio na sua condição. Ao menos quando se não queira dar o lugar, faça-se, delicadamente, o que todos nós fazemos: volta-se a cara para o lado e ferram-se os olhos no jornal. É que a distração serve para encobrir muita coisa — até o martírio de pagar o bilhete, quando o condutor passa por nós...

MANUEL MARTINHO

NA OFICINA...

(Foto de E. Szoldos)



Uma obra de arte que é das melhores do mundo

A capela de S. Roque é considerada um dos primeiros monumentos de Portugal, pela sua riqueza artística.

No seu género é a única da Península — e dizem críticos que uma das melhores do Mundo, com uma companheira, a capela Xistina em Roma.

A capela de S. João Baptista, um precioso tesouro de alfaias, é das reliquias de arte que mais vivamente interessam os estrangeiros cultos que nos visitam.

Foi D. João V, o rei que mais prodigamente soube gastar dinheiro, e que sabia dar à sua corte o fausto e a grandeza que a tornaram invejada no mundo, quem a mandou edificar. Diz um apreciado crítico de arte: — «que nesta capela está retratada uma das qualidades mais preeminentes do carácter del-rei D. João V, e também nela está escrito, moralmente, o maior acontecimento da sua época, o sucesso que deu ao seu reinado o vulto e feições que o distinguem de todos os outros. Essa qualidade é o amor da ostentação que levou aquêle monarca a esforçar-se por imitar Luís XIV, o faustoso rei de França, tanto quanto lhe permitiam os costumes modestos da nação, e a severa etiqueta da sua corte. Aquêlles sucesso foi a descoberta das minas de ouro e diamantes do Brasil».

Mais adiante, o crítico assegura: «A capela de S. João Baptista é o epitome de todas as glórias architectónicas e artísticas do reinado em que mais se construiu nesta terra, e foi, como o último canto do cisne, a derradeira e mais bela de todas as obras de arte do rei magnânimo». Foi também por capricho que D. João V mandou edificar a capela. A igreja de S. Roque, que pertencia aos jesuítas — e onde a corte ia assistir ao solene «Te-Deum», instituído pelo Patriarca D. Tomaz de Almeida, no ano de 1718, em acção de graças pelas mercês recebidas durante o ano findo — pois a solenidade tinha lugar no dia último de Dezembro — estava lindamente decorada quando el-rei D. João V entrou, para assistir, à festividade. Reparou o monarca que todos os altares, ricamente ornamentados, chelos de alfaias, flores e lumes, comoviam a assistência, enquanto «ums», pobre e abandonado, parecia estar por ali esquecido — daquêlles fausto. Logo o monarca inquiriu, junto dos jesuítas, porque razão estava aquela capela tão abandonada, parecendo não fazer parte dos grandiosos festejos.

Disseram-lhe então que todas as capelas tinham irmãdes que traziam dos ornamentos — e que aquela de S. João Baptista não tinha confraria nenhuma — e era essa a razão porque estava tão esquecida. D. João V ouviu, serenamente e depois replicou: — Pois bem! Visto esta capela ser do santo do meu nome — e não ter irmãde — ela fica desde hoje em diante pertencendo ao meu cuidado.

Decorridos dois dias, logo foram architectos tomar as medidas à capela de S. João Baptista. Essas medidas foram enviadas, depois, rapidamente para o ministro português na corte de Roma, para encomendar aos principais artistas italianos uma capela no melhor mármore — com a seguinte admoestação: que não fôsse inferior à célebre capela Xistina.

Foi o architecto Vannitelli quem fez o traçado.

El-Rei quis, porém, ver o modelo antes de êle ser erguido. Por isso veio o projecto para Lisboa. El-Rei e a corte gostaram imenso. Logo grandes quantias foram pagas, para que a capela se fizesse com o possível desembaraço. Sabendo o Papa da encomenda da capela — e que ela já estava pronta, mandou-a armar na Basílica de S. Pedro e aí sagrou-a e disse a primeira missa. Foi um grande obsequio que El-Rei nunca esqueceu — e a prova é que mandou logo ao Sumo Pontífice como esmola daquela missa, um cálix de ouro de primoroso lavor cravejado de diamantes no valor de 40 contos. A capela foi despachada de Itália e com ela veio o escultor Alexandre Giusti, e outros artistas, com o encargo de a armarem na igreja de S. Roque.

Não teve, porém — dizem as crónicas — o prazer de assistir à homenagem ao santo do seu nome, porque D. João V, já muito doente, vinha a morrer pouco antes. E só no reinado de D. José I se inaugurou, no dia 13 de Janeiro de 1751. A capela de S. João Baptista é a primeira do corpo de igreja, junto do cruzeiro, do lado do evangelho.

O quadro «Baptismo de Jesus» é uma formosa copia de Miguel Anjelo — o de «Anunciação», de Guido Reni — um dos mais iminentes professores da escola borbonesca, é dum grande encanto. Rafael, o célebre pintor, foi também copiado numa das suas maiores produções: «A descida do Espírito Santo sobre a Virgem Maria e os apóstolos». Quadros, pratas, alfaias, mármore, tudo faz parte do fausto com que a capela de S. João Baptista foi erguida por ordem dum rei que, acima de tudo, era caprichoso.

UMA PEQUENA REPORTAGEM

Quando o barco vai partir...

É meio dia. No cais há uma gritaria, ruído forte dos guindastes que sobem com as cargas e a cantilena excitante dos carregadores. O navio parte daí a horas. A carga tem que ficar a atestar os porões. São grandes sacas — e bidões, teljões, fardos, uma diversidade de coisas. Os homens, como formigas, deslizam pelas pranchas. Mulheres de perna nua, a cor morena nos rostos batidos pelo vento do mar, em grandes canastras carregam o carvão. O capataz, imponente, com o seu apito — instrumento moderno que substituiu o chicote — de vez em quando dá um silvo. Isso corresponde aos turnos que todos alternando. Agora, dum guindaste, essa enorme máquina que tem uma força de toneladas, desprende-se uma saca que veio de escantilhão por aí abaixo. Ia colhendo o «Zé Lagartos» — um bom homem, trabalhador, que tem seis filhos, o mais velho de sete anos.

Era milho. O milho ficou espalhado pela muralha. Velo o guarda do fisco, para indagar. Vieram todos fazer roda. Comentou-se: «Se fôsse um bocadinho antes, tinha apanhado o «Quincas», o «Trapalhão» e o «Joaquim da Madragoa»... Comenta-se, fala-se. Mas o arrais dá

outro silvo — e o trabalho vai recomeçar. É preciso trabalhar, o barco sai daí a horas. E êles lá vão, derreados, os arcaibois sob a carga, que faz suar. As pranchas baloicam sob aquêlles grande peso. As pernas quasi tremem. É preciso coragem, força, destreza. Num terreiro, ao sol, uma legião de homens é contada. É o turno que vem substituir aquêlles. Contam-se os «amiga-lhaços» — e os outros abalam, sem a esperança dum dia de salário. Recomeça a faina — dura, impetuosa. Há suor em todos os rostos. Em camisa, a canga ensopada, arcaibois vergados ao peso dos fardos, como um carreiro negro de formigas, visto a distância, os trabalhadores do cais sabem bem quanta dureza há no pão de cada dia, ganho com firmeza e esforço. Chegam grandes camionetas. São rumas de sacaria. É aquillo começa a ser despejado. Pela muralha, a correr, vendem água e fruta ambulantes que a policia ainda não tocou. As mulheres também trabalham. Geralmente empregam-se na descarga do carvão. São varinas. Há algumas onde ainda se nota a máscara da beleza — uma beleza que vai sendo gasta, pelos sofrimentos e privações de todos os dias. Daí a pouco já o barco

tem a última carga. Os tripulantes começam o preparativo da largada. Anda-se numa roda-viva — corre-se. Um silvo corta o espaço, estridente, medonho. No cais, em grupos, os carregadores recebem a féria. Alguns já têm junto de si mulheres e filhos. Vão agora descansar, para amanhã, mal clareia o dia, recomeçar com impetuosidade a faina que os não deixa descansar. Nas águas, o barco baloiça. Já foram largas das amarras. Está tudo a postos. Mais um barco que vai partir. Para onde? Que interessa para onde? O mar não tem fim — é um horizonte largo, imenso, cheio de mistério. Caminhar, fugir, chegar onde os outros não chegam, eis a questão. É por isso que quando um barco parte há sempre nos olhos dos que o vêem partir uma névoa de saudade. É que em nós paira sempre aquêlles espírito de aventura, de amoroso enleio, que é uma herança dos nossos avoengos marinheiros. O barco vai partir... E, no marulhar azulino das águas, há um queixume que talvez seja o adeus saudoso de quem o vê partir — e não espera ver chegar. Mas, passados dois, três meses, êle voltou — e a faina, dura, impetuosa, recomeça. É assim a vida...

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Lisboa está transformada no grande campo de futebol, não obstante haver posturas camarárias que o proibam. Querem um exemplo? Passem, aí por volta das 8 horas, no Largo de Santa Marinha, ali a São Vicente! Aquillo é pior do que um campo desportivo, onde a lei mete na cadeia quem usa de palavras e processos grosseiros de jogar.

Pela tarde, o largo em referência, com tantas outras artérias de Lisboa — mesmo que se trate de ruas estreitas — povoa-se de rapazes que jogam, gritam, põem em perigo os transeuntes e as janelas circunvizinhas. Na entanto, bem próximo, está a esquadra das Mónicas. Onde andarão, porém, os policias que não aparecem no Largo de Santa Marinha, onde a bola vai às vezes mergulhar no lodo de uma fonte que existe próximo, para inutilizar depois os fatos de quem passa?

Ainda se ao menos a Câmara mandasse pôr ali e noutros lugares idênticos: «Perigo de morte, vá dar a volta, não passe por aqui...».

C. I.

Descia um carro a Avenida Almirante Reis, e como é costume, na hora do almoço, o carro vinha cheio.

A certa altura, uma senhora volta-se para um cavalheiro e diz-lhe: — «O senhor veja bem onde põe

os pés, olhe que já me deu umas poucas de pisadelas.

Quando o cavalheiro estava a pedir desculpa, o condutor diz para a senhora:

— «Se está apertada, passe lá para diante.

— «Para diante? Essa agora! — responde-lhe a senhora — então eu paguei o meu bilhete e o sr. está a mandar-me para diante?».

— «Mas, minha senhora, para diante não é para fora do carro, é para junto do condutor».

— «O que o sr. é, é muito estúpido, pois o sr. disse-me para eu ir para diante.

Este «estúpido» é uma falta de delicadeza, pois essa senhora que se prezava de ser educada, elaborou num grande erro.

E, depois, digam que os condutores são mal educados...

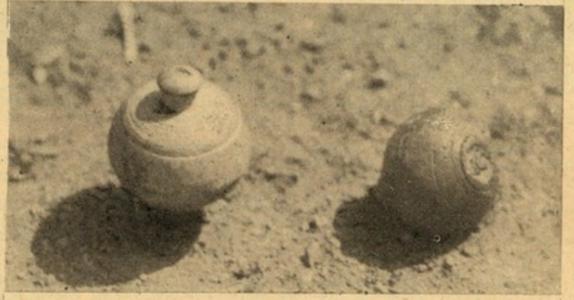
Pela verdade presenciada, me subscrevo

ALBERTINO CAVACO — R. Morais Soares — LISBOA.

Hoje Lisboa não luta com uma grande falta de água. Em todo o caso, não se pode dizer que, em determinadas circunstâncias, ela seja demasiada. Por exemplo, nos incêndios, muitas vezes os bombeiros lutam com certas dificuldades e uma delas, precisamente, é a falta de pressão. Ora, tudo isto poderia evitar-se, se a Companhia das Águas cuidasse dos serviços de essas ruas fora, se vêem bôcas de canalização. Constantemente, por incêndio a extravesar água ou, então, em borbotões, o líquido a correr pelas sargêtas, porque os canos rebentaram. Não acha, sr. director, que podia haver para o caso um pouco mais de cuidado?

JULIO ALVARES MARTINS — Lisboa.

GAROTOS DA RUA...



Estes «Gavroches» de Lisboa, que nós encontramos pelas ruas de boina sobre a nuca e saca a tiracolo, não são mesmo uma tentação de artista?

Fogem à escola, arrancam os botões às calças, para jogar o botão, trepam ao salva-vidas dos «eléctricos», jogam o sôco e as palavras atrevidas às «madames» que passam de saia curta e chapéu atrevido — mas, no fim, se não fôsses êles, as ruas de Lisboa perderiam muito do seu bíblico simbolismo, como as fotos acima indicam.

Para onde vão, por onde ficam os garotos que as mães riandaram à pressa fazer compras ou aprender na escola?

Ei-los: ficaram pelo caminho, na brincadeira, a jogar o «futebol», o pião, o belindre — ou no cavaco ameno à sombra do arvoredo...

(Fotos JOAO MARTINS)

Os turcos

FOI de Berlim que primeiro começaram a deixar transparecer o boato. Não se sabe como é, mas a verdade é que há certas situações que se não libertam como que de um suor que se não consegue disfarçar. A pouco e pouco, vieram notícias das advertências do embaixador von Pappen aos alemães residentes na Turquia; vieram depois as próprias advertências aos turcos, lançadas dos jornais de Berlim, lembrando-lhes quais podiam vir a ser as consequências de um gesto eventual que significasse qualquer espécie de rotura com a Alemanha.

A situação tinha, efectivamente, chegado a um ponto tal que permitia já que se quebrasse toda a reserva. A Turquia tinha percorrido todo o caminho da manobra de perigoso equilíbrio diplomático a que, com inegável sentido das oportunidades e um manifesto talento de realiação, se entregou durante quatro anos.

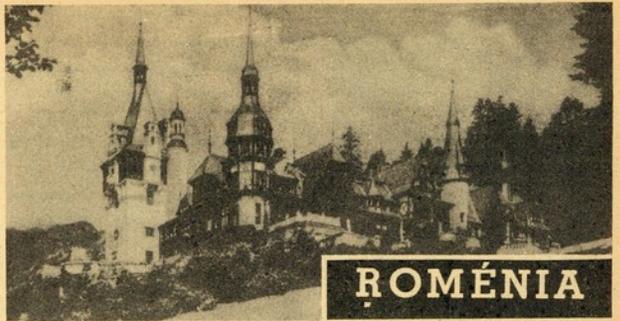
Falar da Turquia é ter imediatamente diante dos olhos a charneira de três continentes, o teatro de operações que sempre se revelou a região balcânica, o matacão confuso de interesses que por ali têm a sua origem e razão de ser, a conjunção de forças militares das nações beligerantes que se estacionam nas proximidades: russos no Mar Negro e nas províncias orientais da Roménia; ingleses na Síria, na Palestina, no Iraque e no Irão; as forças organizadas da Jugoslávia, que são um nó a atar à rede da coligação anti-alemã; finalmente, alemães na própria fronteira europeia da Turquia, fazendo parte dos exércitos de ocupação da Grécia e dos que circulam pela Bulgária a título de amizade. Para além disso tudo, uma palavra que traz consigo um mundo de problemas: os estreitos; e um nome próprio que diz muita coisa a quem se lembre de algumas páginas de história antiga e moderna: Constantinopla...

Desnecessário se torna recordar quanto, a partir de 1939, a Turquia tem sido cortejada pelos representantes diplomáticos das potências interessadas na grande contenda. Afastados, a pouco e pouco, depois da morte de Kemal Ataturk, da amizade mais estreita com a Rússia, os dirigentes turcos tinham accedido a uma aproximação estreita com as potências ocidentais — era assim que, então, se designavam a França e a Inglaterra... Essa aproximação foi a ponto de se assinar uma aliança militar — documento a que ficou ainda ligado o nome de Weygand. Mas o grupo franco-britânico cindiu-se, a França ruiu, a Inglaterra pareceu dificilmente poder suportar a grande provação, os alemães, liquidado o «blitz» francês, voltaram-se para o «blitz» balcânico. Tudo o que, no Oeste europeu, tinha alguma ligação ou simpatia pela França ou pela Inglaterra tinha sido submetido ou através: derrota da Grécia, derrota da Jugoslávia. Quem podia mais resistir?... Hinganos não tinham que se afastar de uma posição que sempre fora a sua, nas horas boas e nas horas más, ao lado dos alemães; romenos, apertados de todos os lados, tomaram o caminho de operar a transformação interna que eliminasse compromissos com ex-aliados que pareciam irremediavelmente condenados à derrota e puseram-se a reboque do Eixo; búlgaros, hesitantes, com uma rainha filha do rei de Itália, com um exército chefiado por elementos simpatizantes com os alemães, com um povo tradicionalmente preso ao povo russo, qualquer que seja o regime que o rege, deixaram-se levar, naturalmente, para onde menor fosse o dano que sobre eles podia cair. Ficou a Turquia...

A capital turca passava a ser, desde então, uma verdadeira encruzilhada de interesses, onde as chancelarias se faziam representar pelos seus mais habilitados representantes. O Reich destacou o enigmático e sorridente von Pappen, o advogado das causas difíceis. A actividade desenvolvida pelo embaixador alemão e pelos seus numerosos colaboradores não foi, como se sabe, desprovida de efeito. Verdade seja que se tratava, em última análise, de recolher os frutos de uma situação militar de inquestionável vantagem, mas é fora de dúvida que, mesmo ainda depois de a marcha da guerra se ter passado a fazer, manifestamente, em sentido contrário, ainda a diplomacia alemã conseguiu neutralizar, por muito tempo, a actividade da diplomacia dos Aliados. Após a conferência de Adana, Churchill quasi deixou perceber que os turcos se tinham disposto a colaborar com as Nações Unidas. E, em Londres, os jornais admitiram que se teria assente a cederência de bases para operações. Meses depois, ao cabo de longas negociações, arrastadas sem resultado, a missão militar britânica saiu de Ankara, quasi a bater com as portas e com as mãos a abanar.

A evolução da guerra na frente leste, aproximando das fronteiras turcas a fragor remoto das batalhas, fêz rever a situação. Por essa altura, em Londres acusava-se a Turquia de ter infringido a Convenção dos Estreitos, permitindo a passagem de barcos alemães. O ministro dos Estrangeiros, Menemen Joglu, foi substituído — mas nem toda a gente quis ver que os barcos alemães que se escapavam pelo Bósforo e pelos Dardanelos, se podiam, realmente, acrescentar as forças alemãs do Mediterrâneo Oriental, aliviavam, do mesmo passo, as forças anti-alemãs do Mar Negro...

O estatuto do leste europeu está manifestamente em causa para ser revisto. Churchill, tomado de um optimismo novo, diz que a vitória pode vir subitamente. A Turquia acatela a sua posição futura, por certo em troca de uma decisão no presente. Mas Constantinopla já não é a capital. Mustaphá Kemal, seguro das lições da história, achou que era preferível elevar uma capital inteiramente nova, onde se não assinassem, nalgum futuro, motivos de contenda. Ankara apezerece por isso, no interior da Ásia Menor, novo centro de vida erguido do meio de um deserto. J. R. S.



ROMÉNIA

O castelo de Peles, onde viveu a rainha-poetisa "Cármem Sylva"

EM 1879 Carlos I, primeiro rei da Roménia, decidiu construir na encosta de um dos montes que levam ao cume dos Carpatos — na pitoresca estância de Sinaia — o castelo de Peles que havia de ser mais tarde a residência estival da dinastia romena.

O castelo, cuja arquitectura original se adapta à floresta secular em que foi erigido, segundo as indicações do rei Carlos I, vale, ainda, pelos motivos artísticos executados dentro dos conselhos da rainha, a poetisa e escritora que se tornou famosa sob o nome de «Cármem Sylva».

Como pormenor interessante, cita-se o facto de o castelo estar construído em volta duma velha cruz de pedra, em que se lê, esculpida, a inscrição: «se o teu inimigo tiver sede, dá-lhe da tua água».

Esta divisa, de resto, parece definir toda a concepção da vida do povo romeno: a sua grande hospitalidade, reflexo natural da forma como compreende a existência.

No parque do castelo, o rio Peles parece murmurar os contos de fadas que Cármem Sylva descreve na sua obra. Dentro do castelo, o visitante pode admirar numerosas riquezas em arte plástica, desde os maravilhosos ornatos interiores, às magníficas esculturas de madeira, bronze e mármore.

Ao castelo de Peles foram anexados, mais tarde, outros dois pequenos castelos. Mas os descendentes do rei Carlos I preferiram construir as suas próprias habitações — Pelişor e Foişor.

Ali se encerra a mais rica colecção de quadros da Roménia e uma das mais apreciadas colecções da Europa, embora não seja conhecida de todos os especialistas e amadores de arte. A colecção real, propriamente dita, foi aumentada com quadros

provenientes das colecções do cônsul Bamberg, do marquês de «las Marismas» do marechal Soult, do marquês de Salamanca e do rei Luís Felipe.

O grupo mais importante é representado pela escola espanhola, onde há oito quadros de Greco que constituem o verdadeiro tesouro da colecção. Foram expostos ao público europeu, pela primeira vez, em 1927, na Exposição de «El Greco», em Paris, onde fizeram sensação.

Na colecção italiana destacam-se as boras de Luca Signorelli, uma «Pietà» obra da mocidade de Rafael, uma linda tela, «Sacra Família» de Bronzino e a esboçada «San Gerolamo» penitente, do pincel de Lorenzo Lotto.

Uma das obras mais admiradas é o «concerto campestre» de Tintoretto. A graça da composição e o seu rico e sensual colorido, lembram a época de maturidade do grande pintor. Entre as obras de Tintoretto, deve citar-se ainda um esplêndido retrato dum nobre de Veneza, reproduzido por Adolfo Venturi na sua «História da arte italiana».

Há que acrescentar ainda três importantes telas de Correggio. O quadro de mais valor é aquele que representa os «Quatro Evangelistas», um dos melhores do mestre italiano e um dos mais importantes da colecção.

A edição completa do catálogo permite uma ideia mais precisa sobre tantas jóias de arte que a guerra se dispõe a esfolar, a dis, a errar, sem apêlo nem resgate. Os acontecimentos precipitam-se — e tudo faz supor que as poéticas margens do rio Peles serão amanhã pisadas pela pata cega das «lagartas» e dos blindados ferindo de morte as flores que conheciam Cármem Sylva, a doce rainha que foi escritora e poetisa...

O PARADOXO BÚLGARO

GABLY, no «Tam», um bom jornal que se publica em Argel, dá-nos alguns tópicos curiosos para o artigo que aqui juntamos, um alinhavo de idéias, reminiscências e verdadeiras histórias. Quando se lembra, por exemplo, que não há muitos anos antes da guerra actual, a Alemanha encorajava as pretensões búlgaras, no que respeitava ao impedimento de formação de um bloco balcânico?

A verdade é que esse bloco teria impedido — pelo menos retardado — a realização de muitos planos terríveis de submissão do mundo. A Bulgária que, em 1940, havia levado a Roménia a ceder-lhe a Dobruja do Sul, e, em 1941, se havia feito proprietária da maior parte da Macedónia sérvia conquistando a Grécia a Macedónia oriental e a Trácia ocidental, sonhou, em Janeiro desse mesmo 1941, em voltar-se para Moscovo — quando a Rússia era ainda aliada da Alemanha. A ocupação dos países bálticos pelos bochevíques e muitas das ideias e práticas políticas detiveram as aspirações territoriais da Bulgária que, então, achou por bem deter-se, enquanto os alemães concluíam o seu domínio interno, sob a égide de Tsankov e a complacência do Primeiro Ministro Filov.

O exército búlgaro concentrou-se, então, sobre a fronteira turca e o que restou da ocupação da Trácia foi empregado na ocupação da Macedónia. Enfim, a guerra russo-alemã veio colocar a Bulgária numa situação delicadíssima, pois não existia dúvida, se havia uma percentagem de germanófilos, não faltavam também os russófilos — russófilos não do ponto de vista político, mas rá-

BULGARIA

cico e tradicionalista, principalmente entre os camponeses.

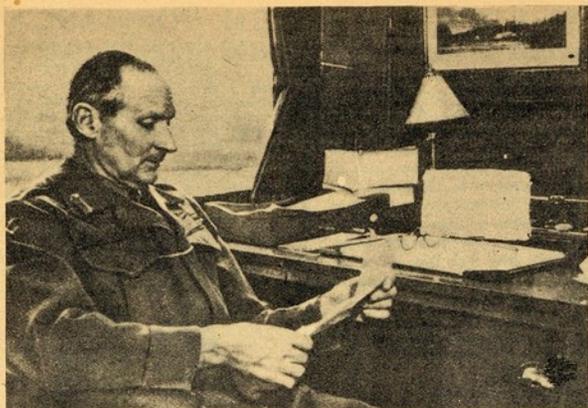
O rei Boris sabia-o. E, por isso, teve o cuidado de não precipitar os acontecimentos, evitando o exemplo húngaro e romeno de enviar tropas para a frente de batalha. O exército búlgaro ficou, pois, em pé de guerra — mas o governo manteve o seu representante na Rússia que, por sua vez, não retirou de Sofia o ministro Laventiev. É certo que os adidos militares foram retirados mas também é verdade que, não obstante os graves bombardeamentos a Sofia, as coisas foram, há poucos meses, repostas como estavam. E, hoje, podem ver-se, na capital da Bulgária ocupada ou dominada, vizinhos do mesmo prédio — representantes de dois países em guerra.

A queda da Itália e a morte do rei Boris foram, de certo, golpes severos para a Bulgária que, a todo o momento, espera tirar partido da sua posição, para se pôr à margem do conflito. Para tanto, naturalmente, conta com um elemento de que nem a Roménia nem a Hungria dispõem: a simpatia da Rússia que não lhe bombardaria o solo e intercede junto dos Aliados — para que as suas cidades sejam poupadas.

Dêste modo, a Bulgária — tudo indica que o «volte-face» está a preparar-se, até pelo protesto enérgico contra a informação de que Filov e Bagriolov haviam conferenciado com Hitler — pode dizer-se que está perante um paradoxo — deliçado como a Finlândia, em relação aos Estados Unidos que se encontram em guerra ao lado da Rússia, em luta com um país aliado do governo finlandês...



Nossa Senhora de Paris foi vítima de um dos últimos ataques atrevidos aliados. Sobre a capital francesa caíram bombas das mais potentes. E, uma delas, foi atingir uma das cúpulas do mais querido dos templos franceses, causando avultados prejuízos.



A quantidade de correspondência que, nas estações aguardava o general e que os «estafetas» lhe iam levar ao caminho era espantosa. No gabinete de trabalho, Montgomery lê e toma notas para as respostas.



O sargento escocês Benzie tinha o seu cargo a cozinha, auxiliado por Wringht, antigo cozinheiro de restaurante.



Eis outra «cabo». Chama-se Joyce Walker e é ainda hoje secretária do grande general Montgomery.



O comboio dispunha de metralhadoras anti-aéreas que eram manejadas por elementos da polícia militar.



O sargento Edwards, que já fora «chauffeur» do general em Itália, fazia limpeza ao «Packard» que viajava no comboio.



Mais uma «sargento»: é Ana Gouk, de Aberdeen, uma das suas mais preciosas auxiliares. Et-la no serviço de mesa.



Betty Foyle, uma jovem londrina, estava encarregada de servir o café



Quanto ao cabo W. English era o assistente do general Montgomery.

INGLATERRA

O «combolo-mistério» do general Montgomery

ENQUANTO se falava na invasão da Europa e na abertura da segunda frente com um certo ceticismo, ultimavam-se na Grã-Bretanha os preparativos da que seria a maior manobra bélica de todos os tempos. Os generais tomavam contacto directo com as suas tropas, os oficiais transmitiam as últimas instruções, os treinos dos soldados eram mais intensos e os homens, de um modo geral, punham-se em «ponto» de ataque eficiente.

Pois, no meio destes muitos problemas — e não nos esqueçamos de que, tratar de tudo em segredo é mais difícil do que transmitir ordens em voz alta — o general Montgomery, o novo «filho querido das vitórias» inglesas, teve um sério embaraço: tomar contacto pessoal com as forças que estavam sob as suas ordens e que estacionavam dispersas pelas ilhas britânicas. Durante uma larga viagem de inspecção tinha, além disso, que estar em contacto com o Quartel-General de invasão e os diversos departamentos do Estado, pedindo dados, sugerindo modificações e dando ordens para que a complicada maquinaria funcionasse com tanta precisão como o relógio da abadia de Westminster...

Como conseguir, pois, realizar tarefa tão importante, complexa e delicada?

Para maior facilidade e comodidade, o Quartel-General da invasão resolveu pôr à sua disposição nada menos que um comboio, onde não faltavam nem salões, nem oficinas, instalações rádio-telegráficas, banho, automóvel, uma avioneta e tudo o

mais que pudesse proporcionar comodidade, velocidade e perfeição.

No entanto, e não obstante todas as comodidades instaladas, o general «sir» Bernardo Montgomery, como bom soldado de campanha que é, habituado a todas as vicissitudes — prescindia de tudo o mais que não fosse o seu gabinete de trabalho — onde comia — a rádio e o banho. O resto da casa ambulante servia-lhe apenas para... passear. Porque o general, habituado como está ao ar livre, à liberdade dos grandes passeios pelos campos, não sabe pensar quieto. A sua inteligência, as suas idéias, são de «movimento». Por isso ele anda sempre — como a sua estratégia, que é absolutamente progressiva e nunca regressiva.

O percurso realizado foi de 3 mil milhas — uns quatro mil e quinhentos quilómetros — sobre uma via férrea que se estendeu, proposadamente, até todos os pontos de concentração. Não se sabe tudo, é certo, dessa viagem misteriosa e de tão decisivos resultados. Mas supõe-se que foram apenas seis as pessoas que lidaram com ele e tomaram do seu excelente café brasileiro. Isto deduz-se do facto de a bordo haver apenas sete chávenas — como se vê numa das fotos aqui juntas, em que a recruta Betty Foyle serve o café.

O general Montgomery é muito frugal, simples, e gosta de andar vestido o mais à-vontade possível. Como só o que não pode deixar de ser, não precisa de cinzeiro porque não fuma e, para mais, é «teetoller» — isto é: não bebe...

Vejam só, através das fotos acima, o que teria sido a viagem do grande general...

FINLÂNDIA

Sob a ameaça mais forte

A partir de Abril último, a calma parecia reinar na frente russa. Mas, de repente, porque do quartel general da política e da diplomacia mandaram fazer fogo, a luta reacendeu-se. Em alguns sectores, ainda virgens de combates, o luto e a dor foi cavar novas campas sob a metralha incessante dos bolchevistas. Até aos primeiros meses de 1944, de facto, os combates furiosos quási que se haviam circunscrito àquelles planos de ataque a Leninegrado e a regiões limítrofes, guardas-avancadas da grande capital, desde aquelles meados de Maio de 1942. Mas nada de direito havia sido tentado contra a Finlândia, como agora, nestes últimos meses de combate.

Em Junho de 1941, quando a Finlândia entrou na guerra ao lado da Alemanha, aquêle país pretendia apenas recuperar os limites estratégicos sem os quais supunha não poder viver: a linha do Svir, os rios que vão ter ao lago Omega e o litoral do mar Branco. Ao mesmo tempo, no seu plano de recuperação, cabia ainda a República soviética da Carélia Oriental.

Como, porém, realizar tão vasto plano no campo prático?

Tudo levava a crer que a Alemanha seria a força contra a qual nenhuma outra ousaria erguer-se. As

vastas planícies da Lapónia — o norte do país — foram ocupadas por sete divisões alemãs sob o comando de Dietel, como protecção às minas de níquel de Petsamo e vigilância às minas suecas de ferro.

Depois, a roda da fortuna rodou e a Finlândia abalou a sua confiança na Alemanha. Houve sondagens de paz — quási não houvera guerra — mas a Finlândia, patrioticamente, manteve as suas pretensões. O inimigo também. E como não era fácil, já agora, retirar a bem as sete divisões alemãs — a batalha começou, de facto, na madrugada de 10 de Junho. Trinta e seis horas depois, uma brecha de 40 quilómetros tinha sido aberta nas fortificações avançadas da defesa. A antiga linha Mannerheim estava demasiado decrépita para não ceder ao ímpeto de tropas em plena forma. Mas o homem que lhe deu o nome, o quási legendário militar Mannerheim — esse acaba de dar mais uma prova de amor pela sua pátria, ouvindo a chamada para ocupar o primeiro lugar nos destinos da Finlândia, em substituição do Presidente Ritty. Estarão os finlandeses a caminho da paz?

Quando chegará a paz? Quando se quederão as neves finlandesas sem fronteiras tintas de sangue vermelho?

COCKTAIL

Como Guido da Verona começou...

GUIDO da Verona, apesar de já ter morrido, pertence ao nosso tempo. Todos ainda nos lembramos dele, das suas obras, um pouco picantes, um pouco escandalosas e, por isso mesmo, revestidas dum sucesso enorme. Sobretudo, as meninas românticas, e as outras, as que lêem às escondidas dos papás — não se poderão esquecer tão cedo desse Guido da Verona que as soube impressionar como ninguém...

De facto, houve tempo em que «Mimi Blutte, flor do meu jardim» chegou a ser o livro da moda, o grande êxito de todas as livrarias em todas as partes do mundo. E tem de existir mérito, incontestavelmente, num autor que tal consegue — possua ele mais defeitos ou mais qualidades...

Paul Hagar, um espírito consciente de si próprio, foi um dos que levantou mais alto o valor de Guido da Verona. E essa atitude deixou espantada muito boa gente que acreditava na sinceridade de Paul Hagar.

Mas, depois, compreendeu-se melhor. A afirmação fora feita em Julho de 1918, uma época de tragédia, em que os espíritos viviam numa confusão horrível.

Mais tarde, deu-se a Guido da Verona o valor que ele tinha realmente. Fôra um audacioso com sorte. Vencera porque soubera aproveitar a oportunidade. Mas a sua obra, despida de todas as sensações preparadas para o público, tinha um valor muito relativo.

Contudo, ainda hoje se mantém. Contra aqueles que desdenham do artificialismo, do realismo falso dos romances de Guido da Verona — há aqueles que defendem a posição dele como um dos maiores escritores do nosso tempo.

E, por isso, achámos curioso recordar a estrela de Guido da Verona. Um dia ele entrou na livraria de Baldini e Castoldi, em Milão. Trazia uma novela consigo e afirmou, resolutamente, que essa novela causaria um êxito doido. Mas os editores leram... e não gostaram. Estavam, então, em voga os livros de Fogazzaro.

Então, sem hesitações, Guido da Verona declarou que ele próprio pagaria a edição da obra. Jogou a sua oportunidade, porque tinha confiança no futuro. A novela saiu. Intitulava-se «O amor que volta» e, em breve, de facto, era um dos grandes êxitos de livraria em Itália.

Desde aí, Guido da Verona conquistara um público fiel. Ele costumava dizer, às vezes, explicando o triunfo dos seus livros:

— Tenho dois preciosos colaboradores na vida: o meu cão e a minha amante!

E foi com essa filosofia, um pouco sardónica, um pouco desdenhosa — que Guido da Verona continuou a jornada. Uma jornada de vitórias fáceis, afinal, e onde ele perdeu o melhor do seu talento. Sim, porque ele tinha talento também!

UMA LENDA

UM agente da polícia-montada do Canadá descobriu as razões por que os índios «Dogrib» maltratavam, de maneira bastante deshumana, todos os cães que encontravam.

Reza uma lenda que, em tempos remotos, houve uma guerra entre os peles-vermelhas e os lobos, em virtude destes últimos terem invadido o acampamento e dizimado todas as ovelhas. A luta foi medonha e durou anos e anos. Por fim, diz ainda a lenda, foi concluído um tratado de paz entre os lobos e os peles-vermelhas, por meio do qual os peles-vermelhas se responsabilizavam a maltratar os cães por estes serem inimigos dos lobos.

A lenda é antiquíssima, mas, hoje ainda, os peles-vermelhas, receando nova invasão de lobos, castigam todos os cães que encontram.



O SURDO — Como diz?

O GATUNO — É a vigésima vez que lhe digo: — «A bolsa ou a vida!».



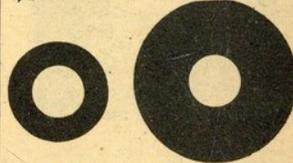
TEM CONFIANÇA NOS SEUS OLHOS?

Diz o rifão que os olhos são o espelho da alma. Acreditamos sinceramente que sim. Todavia, dentro da realidade, perguntamos apenas ao leitor se tem confiança completa nos seus olhos. Não responda já... Veja primeiro estes problemas que lhe oferecemos. E, depois, conforme for o resultado...



OS DOIS CAVALEIROS

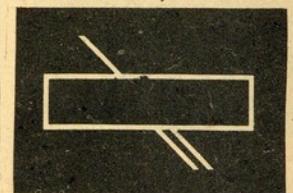
Estes dois cavaletros, vão ou vêm? Está seguro da sua resposta? Qual é?



II

CIRCULOS BRANCOS

Dêstes dois círculos brancos, qual é o maior, o de cima ou o de baixo? Tem a certeza? Veja bem...



III

OS 3 SEGMENTOS

O segmento de baixo é continuação de qualquer dos outros de cima? De qual?

(Ver respostas na pág. 23)

ESTA É A EXTRAORDINÁRIA DANÇA DOS EMBAIXADORES!

Um empresário americano está a ganhar milhões de dólares com este bailado sinistro e original. Nada mais nem menos do que a dança dos embaixadores! «É um espectáculo que convida a pensar e que nos faz reflectir!» — disse um crítico. E o crítico tem razão. Esse estranho bailado, onde perpassa todo o ambiente solene das grandes reuniões, em que se decidem destinos de povos e se rasgam horizontes de vida — tem em si qualquer coisa de profundamente irónico que nos obriga a um certo esforço de pensamento.

Vamos dar a dança dos embaixadores em seis sugestivas imagens.



Acabou a diplomacia. Agora, os embaixadores desmascaram-se e insultam-se entre si. Aquêle que está sobre a mesa, um vendedor de armamentos, acusa os outros de o quererem arruinar...



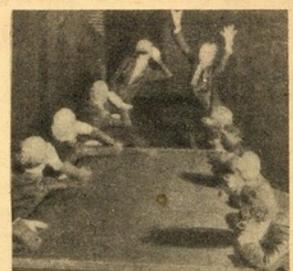
Então, a discussão torna-se maior. Os gestos são violentos. E três dos embaixadores avançam enfurecidos sobre aquêle que fala. Talvez pensem em lhe arrancar as barbas, pelo menos...



Inaugura-se o Congresso dos Embaixadores. Juntam-se todos em redor duma grande mesa negra, que mais parece um enorme ataúde. E antes de começar a sessão, cumprimentam-se com a maior amabilidade...



Mas, afinal, passa uma esperança de concórdia. Ensaiam-se uns sorrisos e umas mesuras. Talvez se possa ainda estabelecer a paz e a unido entre todos os embaixadores...



Um dos conferencistas apresenta as suas razões. Mas quando se trata de razões, os embaixadores são geralmente muito surdos. E o conferencista vê-se obrigado a «falar» com as mãos...



Porém, como conseguir isso? Eis o grande problema. E os embaixadores acabam por ficar espantados, a pensar. E, pensando, vão adormecendo, aos poucos...

As Sete Marias

No Teatro D. Maria realizou-se, há pouco, as provas finais dos cursos da Arte de Representar e Especial de Bailarinas. Não houve nenhum candidato: só candidatas, oito raparigas — caso curioso — todas Marias: Maria Adelaide, Maria Judite, Maria José, Maria de Lourdes, Maria Luíza, Maria Helena... e Mariem Moskovic...

Mecenas

Um dia destes estava na livraria Sá da Costa, ao Chiado, o dr. João Barros, quando entrou um petiz, com todo o ar de garoto da rua, a perguntar o preço duma História de Portugal, das mais baratas. Disseram-lhe o preço, mas não chegava o dinheiro que ele trazia. O dr. João de Barros, que assistia à cena, não hesitou; comprou o livro e ofereceu-o ao pequeno — que saiu radiante...

De muitos Mecenas assim é que precisávamos!

Ventarolas

Durante as noites em que no *Varietades* esteve a companhia espanhola, Armando Ferreira — o crítico teatral do *Jornal do Comércio* — empunhou pontualmente uma ventarola com que se abanava de quando em quando. A alguém que lhe notara o facto, o humorista do *Amor de Perdigo* respondeu, com o melhor sorriso do mundo:

— A «Zarzuela» manda ventarola!

Dois Telegramas

Gostosamente publicamos dois telegramas da Agência D. S. V. A. L.:

Restauradores, 15 de Maio — Partiu hoje para Campolide o conhecido escritor Eduardo Dias.

Campolide, 2 de Agosto — O conhecido escritor Eduardo Dias, acaba de chegar, vindo dos Restauradores.

Nós que tantas vezes temos censurado o serviço dos eléctricos — damos agora a mão à palmatória.

Sinónimos

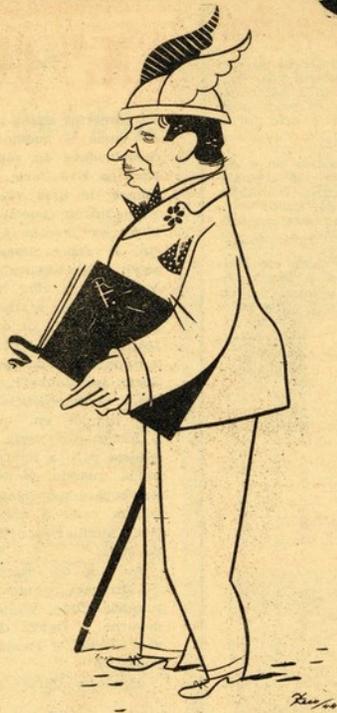
Num recente exame da 4.ª classe o examinador pediu a um aluno que lhe desse um sinónimo de «muito bom». O pequeno pensou um instante e respondeu todo ufano:

— Bestial!

Não sabemos se o rapaz ficou aprovado, mas é fora de dúvida que está dentro da «sua época».

Conselho de Leitura

Muitas peças — algumas já rejeitadas pela empresa Amélia Rey



SEM REI NEM ROQUE

Seria supérfluo apresentar-lhes, com ar de retrato ou de biografia, Joaquim Roque da Fonseca. De facto, elle pertence áquelle número de varões assinalados — como diria o meu querido Luiz, autor dos «Lusiadas» — que volta e meia fazem rolar os prélos, falando ou dando que falar de si. Com frequência a sua effigie apparece nos jornais, emergindo dum «fraque» ou duma casaca, preleccionando á turba. Joaquim Roque da Fonseca, digam o que disserem, é uma figura lisboeta. A burguesia comercial alfacinha, ao sentá-lo no trôno da Associação Commercial de Lisboa, não o fez por mero acaso: lá tinha as suas razões. Natureza aerodinâmica; surgindo aqui, surgindo além, espreitando tudo; vendo-se em toda a parte ao mesmo tempo, no teatro, no cinema, nas exposições, nos casamentos, nas visitas de pêsames; falando e escrevendo sobre todos os assuntos; não hesitando nas mais pesadas emprêzas (já uma vez o surpreendemos a comprar lá para fazer «tricot») — este homem sintetiza um mundo de actividade, de velocidade, de variedade, como poucos dos seus contemporâneos. Aqui lhe deixamos o nosso cartão de cumprimentos, e áquelles que porventura afirmem que o comércio de Lisboa anda sem rei nem roque, responderemos estrondosamente:

— Rei não terá; mas lá Roque, tem!

O CONSELHEIRO ACÁCIO

Paulo Osório conta que, uma tarde, há anos, em plena rua do Ouro, se aproximou d'ele um homem correcto, risonho, de passos mínimos e dizer correcto; apertou-lhe as mãos com effusão; inquiriu avidamente do estado de saúde da família (que elle, de resto, não conhecia) e semi-curvando-se diante do escritor proferiu num esboço de saudação frouxa:

— Li com muito prazer umas referências ao seu último e notabilissimo trabalho e reitro-lhe cordalmente as minhas felicitações.

E, tirando o chapéu, afastou-se, desaparecendo entre a multidão. Era o conselheiro Acácio. Passou-se este episódio há mais de trinta anos; por

essa altura Acácio já não era novo; e, entretanto, se alguém supõe que Sua Ex.ª recolheu á sua última jaziada — engana-se redondamente. O conselheiro Acácio continua a viver; perdura, na verdade, em perpetua florescência e em manifesta integridade; e ainda ontem elle se me dirigiu, em pleno Chiado, fresco e sorridente:

— Lá se vai celebrar o primeiro centenario natalício do nosso Eça. Quanto folgo! Foi uma figura muito curiosa e dizem-me que, como romancista, não era destituído... Nunca li nada!

E, triunfalmente, atravessou a rua, cumprimentando o conde de Abranhos que passava.

CALÇADA DA GLÓRIA

Colaço-Robles Monteiro — deram entrada no Conselho de Leitura recentemente criado junto do teatro D. Maria. Ao que nos informam, o Conselho na sua primeira conferência resolveu dar os mais latos poderes ao seu presidente que é, como sabem, o sr. Luiz Pastor de Macedo Forjaz Trigueiros de Teles Jordão...

A Sono Sólto

Contaram-nos que num concérto realizado recentemente em São Carlos se pôde verificar que muitas pessoas, talvez enlevadas pela música, houveram por bem adormecer profundamente. Razão tinha Rosa Araújo ao responder a alguém que lhe preguntara se elle não costumava frequentar o nosso primeiro teatro ligeiro:

— Não. Eu ressono muito alto e receio acordar as pessoas que costumam ir para lá dormir...

Peras

Encontrámos uma tarde destas Cardoso Marta — de pera. O caso estarreceu-nos. Tudo poderíamos supor menos isto. A que obedeceria a revolucionária pera do Marta? Ali com certeza andava metida politica! Eis que Marta acaba agora mesmo de nos apparecer sem pera e, segundo a sua própria confissão, ella foi-lhe deitada abaixo — por um golpe de Estado... Não há dúvida: aquilo era politica!

Charadas

Numa reunião familiar apresentavam-se charadas para os circumstantes resolverem. De repente, atiraram esta:

— Qual coisa, qual é ella que é homem, mulher e dá fruta?

Todos se entroalharam, atônitos, e, por mais que pensassem, ninguém respondeu. E, entretanto, nada mais fácil. Que é homem — António; que é mulher — Maria; que dá fruta — Pereira: António Maria Pereira!

Cura de Águas

Topámos ontem, em pleno Chiado, um amigo nosso, verdadeiro filósofo de patologia.

— Quando vai para fora? — inquirimos:

— Não vou.

— Mas costumava fazer todos os anos a sua cura de águas, não é verdade?

— Costumava. Mas já não tenho saúde para isso...

CINEMA

Os prémios do cinema espanhol

CONFORME noticiámos, o Sindicato Nacional do Espectáculo da vizinha Espanha galardoou, recentemente, à semelhança dos anos anteriores, os melhores filmes produzidos em estúdios nacionais. Tais prémios têm extraordinária importância, não só pelas avultadas quantias que os constituem, como ainda e sobretudo pela forma como são aplicados e distribuídos, em obediência a um plano cuidadosamente estudado.

Assim, as 400 mil pesetas que cobrem a «El Escándalo» ou a «El Clavo» — ou as 250.000 que foram adjudicadas a «Orósia», «El Abandorado», «Doce Luas de Mel» e «Eloisa esta debajo de un Almendro», reverterem para a firma produtora na percentagem de 80 por cento. E os 20 por cento restantes são divididos pelos autores, técnicos e artistas, que intervieram na obra e fizeram, afinal, o êxito que lhes deu o prémio.

Tomemos, como exemplo, um filme conhecido: «Doce Luas de Mel» — que ganhou um dos quatro prémios de 250.000 pesetas. A firma produtora recebeu 200 mil, ou sejam cerca de 500 contos na nossa moeda. As outras cinqüenta mil — cerca de 125 contos — foram distribuídas pelos colaboradores do filme, na seguinte proporção:

GUILÃO — José Santugini	6 por cento
DIALOGOS — José Santugini	8 » »
MÚSICA — Fernando Moraleda	6 » »
REALIZAÇÃO — Ladislau Vajda	20 » »
AJUDANTE DE REALIZADOR — Alejandro Perla	3 » »
ANOTADORA — Maria Teresa Ramos	2 » »
OPERADOR — Mariano Ruiz Capillas	2 » »
AJUDANTE DE OPERADOR — Federico G. Larraya	6 » »
DECORADOR — Arteché	4 » »
AJUDANTES DE DECORADOR — José Maria Goch	1 » »
José Salvado Monteiro	1 » »
MONTAGEM — Josefina Pruna	2 » »
Angelina Pruna	2 » »
SOM — Rosendo de Riquer	3 » »
CHARACTERIZADOR — José María Sanchez	1 » »
CABELEIREIRA — Pilar Campanares	1 » »

INTERPRETAÇÃO:

António Casal	9 » »
Milú	7 » »
Maria Bru	5 » »
Rafel Cincio	4 » »
Ramon Elias	1 » »
Ana Maria Campoy	1 » »

Entre os intérpretes e colaboradores não mencionados são distribuídos os 5 por cento restantes.

A primeira noção que ressalta deste plano de prémios é a ideia basilar que orienta a realização de um filme e que nega a convicção generalizada de que ele é apenas obra do realizador. Produto de múltiplos esforços, resultante de inúmeras forças criadoras, «erzatz» de variadas contribuições técnicas e artísticas — afigura-se-nos justíssimo o critério que manda distribuir parte do prémio por todos quantos são responsáveis pela produção, numa percentagem que se procura ajustar, tanto quanto possível, ao valor da contribuição pessoal que cada um lhe emprestou.

E que assim é, conclui-se da divisão dos prémios no que respeita aos outros filmes. Com efeito, enquanto Eusébio Fernandez Ardavin, como realizador, recebeu 4 por cento do quantitativo referente a «El Abandorado», Lulz Adarvin foi premiado com 16 por cento pelo «guilão» e com 3 por cento pelos diálogos respectivos. Quere dizer: a sua contribuição, dentro do filme, excedeu largamente a do director. Em «Orósia», foram atribuídos 23 por cento ao operador Heinrich Gartner e Florian Rey, como director, recebeu apenas 12 por cento.

Em Portugal, dentro do próprio meio cinematográfico, há ainda quem suponha que o realizador é tudo dentro do filme e que pode dispensar ou sobrepôr-se ao próprio trabalho da «equipe». Aos que assim pensam, opomos as breves considerações tecidas à roda dos números e dos factos que apontamos. Eles documentam à evidência que o cinema é um trabalho de «equipes» — e que o realizador nem sempre se conta no número dos factores primordiais para o êxito de um filme.

FERNANDO FRAGOSO

Um novo filme português



Realizou-se, há dias, nos escritórios da Atlante Filmes, a assinatura dos primeiros contratos dos intérpretes do filme de Santos Mendes, «A Noiva do Brasil». A foto que damos mostra-nos alguns dos presentes a esse acto, vendo-se, em pé, da esquerda para a direita: Idalina Guimarães, Vergílio Macieira, João Amaro, Jorge Rodrigues — assistente — Madalena Cardoso e Stélio Gil; e sentados, também da esquerda para a direita, Verónica Gil, Helene Maria, Patrícia de Loucastre — que é a protagonista e está de chapéu — Santos Mendes, Francisco Vieira — gerente da Atlante Filmes — Mimi Entre-douro, Lucília Farinha e Elisa Cardoso.

Os primeiros trabalhos já estão em realização. Agora, boa sorte, boa arte e boa técnica...

GREER GARSON intérprete de "M.ª CURIE"



A América acaba de consagrar um filme à memória gloriosa da descobridora do rádio. Baseado na obra de Eve Curie, o filme é o romance de uma vida consagrada à Humanidade, poema heróico e sublime da devoção à causa da Ciência. E sobre esses dois aspectos paira a doce figura da protagonista, que viveu a vida feliz do seu lar, sem atraí-lo a sua missão de mulher, de mãe e de esposa.

Greer Garson encarna no cinema a extraordinária figura de Madame Curie, que soube lutar e vencer em todas as emergências da vida, quer nos tempos em que na Polónia, a dominação russa, constituía um ultraje para a honra nacional; quer ainda quando, já em plena glória das suas descobertas, os médicos negavam valor à aplicação do rádio, como auxiliar do diagnóstico e agente de cura.

Ao lado da intérprete de «Família Minivers», veremos o seu parceiro naquele filme, Walter Pidgeon, que encarna a figura de Pierre Curie, seu marido e companheiro de descobertas.

«Madame Curie» pertence ao nú-

mero dos filmes que nos reconciliam com a própria Humanidade. No momento em que esta se degladiava na mais cruel e na mais atroz guerra de todos os tempos, sabe bem evocar a biografia de uma mulher que durante toda uma vida, se entregou à tarefa de minorar o sofrimento alheio e curar os males que afligem e atormentam a humanidade, tão sacrificada já pelas doenças e flagelos de toda a espécie.

Na foto vemos Greer Garson na prodigiosa caracterização de Madame Curie, no termo da sua vida admirável.

"RATO MICKEY" ...e proferidas estas palavras, os oficiais foram postos ao corrente dos planos da invasão!

A notícia veio reproduzida num jornal inglês e demonstra até que ponto esta guerra oferece aspectos, que a tornam diferente de todas as outras.

Certa noite, numa cidade do sul da Grã-Bretanha, foi montado em redor de determinado cinema um rigoroso serviço de vigilância, mantido por um cordão de tropas, que tornava a sala em questão verdadeiramente inacessível.

Os oficiais, convocados confidencialmente, receberam ordem para se apresentar às tantas da noite. Interrogados pelas sentinelas que defendiam o acesso à sala em questão, deviam pronunciar apenas «Rato Mickey», o que constituía a «senha» de passagem.

Um a um, foram chegando os convidados, crentes de que iriam assistir à exibição de qualquer filme obtido durante um voo sobre território inimigo, para recolher as informações constantes do mesmo. Mas, quando entraram no cinema, ficaram espantados. O pano de boca havia sido substituído por um mapa gigantesco do Norte da França — e, no palco, vários oficiais dispunham de longos ponteiros para assinalar os locais das operações, que então se souberam estar iminentes.

Foram muitas e minuciosas as explicações dadas pelos comandantes das operações em perspectiva. Tudo decorreu serenamente e com meticolosidade. De madrugada, quando saíram do cinema, cada chefe sabia o que lhe competia fazer. Era o «Dia D». A invasão ia iniciar-se.

As tenebrosas façanhas de "Jack, o estripador" vão ressurgir no cinema

HOLLYWOOD acaba de produzir um filme que revive a sinistra personagem de «Jack, o estripador», que durante muito tempo foi o terror de Londres.

A publicidade americana afirma que algumas cenas deste filme são susceptíveis de «fazer parar o coração».

Cada um no seu lugar

HÁ realizadores que têm a mania de aparecer nos filmes que interpretam. Hitchcock, o realizador de «Rebecca» é um deles. O outro, é John Cromwell. Por via de regra, os cineastas em questão limitam-se a uma breve intervenção, como figurantes. Mas John Cromwell, em «Since you went away» quis ir mais longe — e interpretar uma cena.

A película é conduzida por um «cast» de respeito: Claudette Colbert, Joseph Cotten, Jennifer Jones, Shirley Temple, Monty Woolley, Lionel Barrymore, etc. E contracenar com vedetas desta força, não é fácil.

Para pregar uma partida ao famoso cineasta, as principais vedetas desencandearam uma autêntica «guerra de nervos». Afirmaram que ele iria enganar-se mais do que uma vez, e fizeram apostas nesse sentido.

O certo é que John Cromwell foi para o «plateau» como um principiante. E que as profecias deram resultado atesta o facto da cena em questão haver sido rodada cinco vezes consecutivas.

John Cromwell declarou que nunca mais voltará a ser actor. E, embora soubesse que se riria um bocadinho, não deixou os actores experimentar a situação inversa, isto é: acariarem como realizadores.

Ele — acrescentou — poderia comprometer o desempenho dumena cena. Mas eles, artistas, na função de directores, deitavam, por certo, a fita a perder...

Uma neta de Helena de Aragão quere ser vedeta de Rádio!

POIS é verdade. Aos oito anos, Maria Leonor estreou-se em Rádio Graça, num festival radiofónico realizado a favor duma rapariga que se encontrava tuberculosa. Missão de solidariedade, de fraternidade humana. Ajudai-vos uns aos outros.

E a pequena Maria Leonor lá estava, também, com a sua voz cristalina, bem timbrada, cantando o «Milagre de Nossa Senhora de Fátima».

Portmensor curioso: nessa emissão, os números de canto foram acompanhados ao piano por uma rapariga de olhos sonhadores. Então, essa rapariga dedicava-se apenas ao piano. Hoje, segue uma outra vocação, talvez mais forte, talvez mais decisiva. Ela chama-se Mariália e é nossa companheira nas letras...

Mas voltando a Maria Leonor. Começou aos oito anos, oficialmente. Sim, porque antes já deslumbrara família e conhecidos em alegres serões caseiros, cantando sambas e valsas, cançonetas e «foxes» com o mesmo à-vontade e o mesmo habilitado entusiasmo.

Ela própria declara:
— Confesso que tive medo do microfone no meu primeiro número. Mas saí-me bem, felizmente. E desde aí fiquei conquistada!

Sinceramente conquistada, de facto. A tal ponto que para cantar — seguir a sua estrela, a sua ambição de artista — passou por cima de estu-

dos e de cursos, arrostando com as reprimendas da família.

Mas ela sentia — e sente! — que o seu futuro não está nos livros. Está mais além, «nalguma coisa de maior e de mais belo». Está na Arte!

E nova ainda, muito nova mesmo. Dezasseis anos. Uma vivacidade enorme, falando sobre qualquer assunto com extraordinário desembaraço, já grangeou dos seus íntimos o sobrenome de «A metralhadora». E há uma certa razão nisso: quando ela fala, as suas palavras saem ininterruptamente, em rajadas...

A AVÓ NÃO QUERE...

Na família de Maria Leonor — como costuma suceder sempre nestas coisas... — formaram-se logo dois partidos: aquele que a incita a continuar na labuta artística, à conquista do seu «lugar ao sol», e o que acha preferível um curso certo à incerteza da vagabundagem artística...

O primeiro partido é chefiado pelo pai, refractário ao princípio mas que acabou por ceder. Aliás, éle escreve e sabe bem o que valem os sonhos dos artistas.

Mas — facto interessante — o partido oposto tem à sua frente a ilustre escritora D. Helena de Aragão, avó de Maria Leonor. Helena de Aragão acha que a neta deve estudar, antes de mais nada. E levanta oposição aos seus vóos.

Quem vencerá, afinal? Qual dos dois partidos, das duas maneiras de ver, arrastará Maria Leonor consigo? Talvez até possa haver um acóro, e ela tirar proveito precisamente desse acóro...

«GOSTARIA DE CANTAR NA EMISSORA!»

Mas vejamos quais são as ambições de Maria Leonor:

— Se eu pudesse ser uma grande artista da rádio, uma vedeta com letras matúsculas, realizaria o meu maior sonho!

Queremos fazer outra pergunta, mas ela continua entusiasmada.

— Contudo, não pretendo deixar de ser mulher, pelo facto de ser artista.

Mudamos de assunto:

— Qual o género que prefere?

Ela sorri, galata:

— Adoro canções portuguesas, francesas e espanholas. E, sobretudo, «Lisboa é assim». Passo os dias a cantar essa canção.

— E agora que pensa fazer?

— Tentar o possível até conseguir cantar na Emissora Nacional. Gostaria imenso, imenso, de actuar nas «Horas de variedades!»

A conversa deriva. Maria Leonor diz-nos que aprecia muito o cinema e o teatro. Mas adora o rádio acima de tudo.



— E artistas preferidas?
Ela não hesita:
— A Cidália Meireles e as suas irmãs!

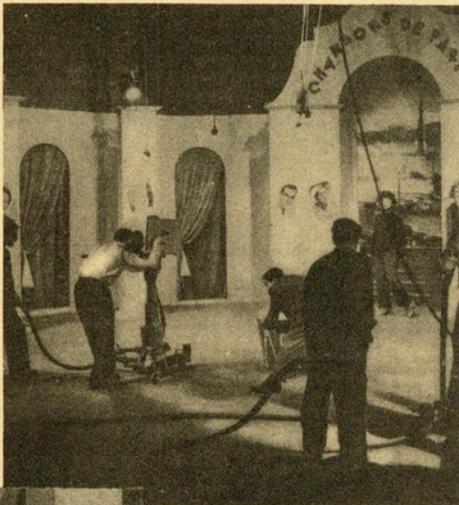
Passou uma borboleta voando junto de nós. E Maria Leonor esqueceu-se da entrevista e foi atrás da borboleta, a querer apanhá-la. Ela é mesmo assim. Dezasseis anos espertos e travessos. Espera a sua hora de sorte. Tem cantado no Rádio Graça, no Clube Radiofónico de Portugal e no Rádio Peninsular. E a sua esperança não diminui. Aumenta. Ela quer ser uma vedeta de rádio — mesmo que tenha de lutar muito, mesmo que a avózinha não queira...

REPÓRTER DOIS

A televisão em França

Talvez mais do que em qualquer outro país da Europa, a televisão na França atingiu já hoje um acentuado desenvolvimento. Nem mesmo neste longo período de ocupação, quando outros grandes problemas se erguem perante a consciência dos franceses, se esqueceu esse excelente instrumento de cultura que é a televisão.

Aqui vemos, nestas fotos, vários momentos da «Canção de Paris» — ou seja uma das emissões semanais de televisão, e ndr colaboram as maiores cantoras parisienses.



Para se apresentarem os vários números que depois o espectador apreciará comodamente instalado na sua poltrona, é necessário um ensaio prévio, como se de facto se tratasse de qualquer outro género de espectáculo visual — o teatro, por exemplo. Aqui vemos o director da «Canção de Paris» ensaiando duas artistas.



A «speaker» da «Canção de Paris» é a mulher mais televisada do mundo. Segundo informa uma revista francesa, em seis anos, conseguiu aparecer em todas as emissões.



Palavras amigas a 4.000 milhas de distância

FOI um êxito esta «Hora da Saúde» dos pescadores da frota bacalhoeira — êxito sob todos os pontos de vista, desde a grandeza da idéia até às boas condições da emissão à recepção, como provaram os rádios recebidos na E. N.

O programa começou às 2 horas e todo êle decorreu num ambiente de ternura que comovia. Na verdade, a voz do locutor, a chamar os pescadores distantes pelos seus nomes, tinha qualquer coisa de tocante, de enternecedor. As mensagens eram lidas umas após outras, dentro daquele silêncio religioso que era o estúdio da E. N. Depois, foram as famílias dos próprios pescadores que passaram para junto do microfone. «Meu querido filho», murmurava uma voz tremente, repassada de

emoção. Havia lágrimas de saudade nos olhos de muita gente. E as mensagens prosseguiram. Irmãs para irmãs, mães para filhos, palavras de amizade, de amor, de simpatia, que a distância, tão grande, tornava mais fortes ainda.

As últimas mensagens foram as mais comovedoras. Dirigiam-se aos tripulantes do «Maria Preciosa», o navio da Figueira-da-Foz que bateu num «ice-berg» e se afundou.

Finalmente, os alunos da Escola de Pesca cantaram o seu hino, cântico heróico de coragem e de esperança que, certamente, devia ter sido escutado, com entusiasmo, por todos os marinheiros que, lá longe, de roda do aparelho, procuravam ouvir as palavras daqueles que lhes eram queridos.

PÁGINA DAS UTILIDADES

Máquinas de costura



HUSQVARNA

uma perfeição
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira Popular, a pronto e prestações.

CASTRO & SOUSA, L. DA

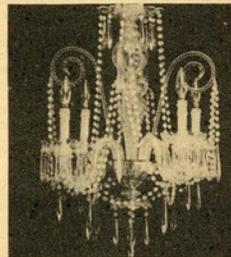
P. dos Restauradores, 13, 3.º
LISBOA Tel. 29888

Todos os artigos domésticos de electricidade e gás



Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO GLÓRIA, LDA.
Lisboa — Rua da Glória, 20-A Tel. 24050

Os lustres para as decorações de bom gosto

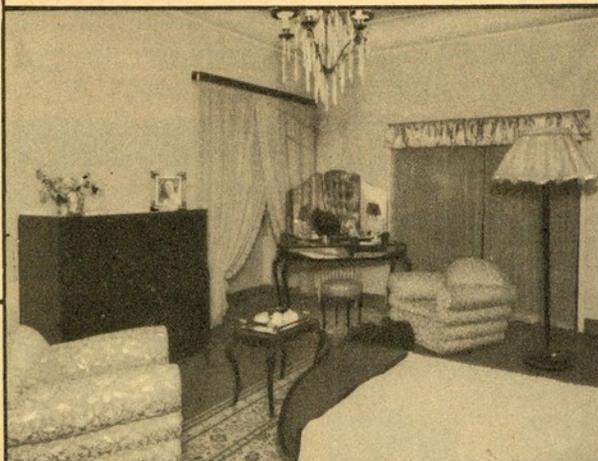


Apliques, castiçais
e
candeeiros de mesa

J. R. de Brito

FABRICANTE

Rua Luíza Todí, 2
(à Rua de D. Pedro V)
Tel. 20497 LISBOA



MJOALS

EXPOSIÇÃO DOS MÓVEIS JOAL

UM QUARTO «QUEEN ANNE»

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-B
(ao Arieiro)

LISBOA Telefone 44033



O SABOR AGRADABILÍSSIMO
DO CREME DENTAL NOSEL

NÃO É UMA PASTA VULGAR

prefira
SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial



Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

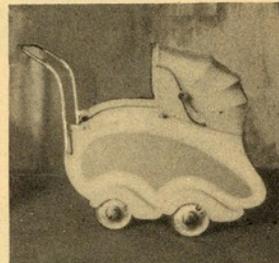


OUVIR UM
Luxor
é um sonho!

Casa José Costa — Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

Carrinhos e cadeiras
para bebés

Elegantes e económicas



A pronto e com facilidades
de pagamento

J. Costa & Silva, L. da

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.º
LISBOA — TELEFONE 26713

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 9

(Por ordem alfabética)

- (5) A curiosa Lili Maia (Figueira-da-Foz).
- (5) A. F. Costa e Castro (Pôrto).
- (5) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (3) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (1) Albino Alves de Oliveira (Oliveira do Bairro).
- (3) Alto Rui (Lisboa).
- (6) Amador X (Lisboa).
- (2) António Pisco da Silva (Lorvão).
- (1) Armando Farias (Covilhã).
- (1) Armino Peres Penedo (Lisboa).
- (3) Artur S. Monteiro (Pôrto).
- (4) Arturo Silvari (Lisboa).
- (6) Arturo Varatojo (Lisboa).
- (2) Boaventura Martins (Crestuma-Carvalhos).
- (3) Carlos Mendes Paulos (Lisboa).
- (6) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (4) Charli-e-Chan (Coimbra).
- (1) Chicot (Lisboa).
- (1) Claro Lopes (Entroncamento).
- (1) Detective à Pai Adão (Braga).
- (5) Detective de Calças (Braga).
- (3) Detective de Salas (Braga).
- (3) Detective Improvisado (Lisboa).
- (2) Detective Wild-Ojas (Lisboa).
- (2) D. L. Pires (Amadora).
- (3) Duarte Leite Pimentel (Lisboa).
- (2) Ele e eu (Lisboa).
- (3) Elvira Castro (Ermezinde).
- (1) Esoj Rapsag (Covilhã).
- (2) Fanasha (Coimbra).
- (7) Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
- (2) Fernando Piedade (Lisboa).
- (5) Filipe de Aguiar (Foz do Douro).
- (2) Francisquinho (Portalegre).
- (1) Guerra Detective (Costa da Caparica).
- (1) Helena Soares (Lisboa).
- (6) Henriques Fernandes (Estremoz).
- (4) Henrique Passos Fernandes (Viana do Castelo).
- (1) Inspector D. R. (Lisboa).
- (8) Israel Ferreira (Lisboa).
- (4) Ivone Costa (Lisboa).
- (1) J. Kennedy Cassels (Pôrto).
- (8) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (2) Joaquim C. Dias (Ovar).
- (2) Jorge Galambas Marques (Castanheira de Pera).
- (1) José Ferreira Alves (Lisboa).
- (8) Leifria Dias (Lisboa).
- (1) Leha Detective (Costa da Caparica).
- (1) Lon Patego (Coimbra).
- (2) Lynçoide (Lisboa).
- (2) M. (Algés).
- (4) Manuel do Carmo Peres (Lisboa).
- (6) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (6) Manuel R. Morais (Lisboa).
- (2) Maria Natália Garcia (Lisboa).
- (3) Mário Claro da Silva (Pôrto).
- (1) Mário José Pereira (Lisboa).
- (4) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (5) M. S. A. (Coimbra).
- (8) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (2) Nana Júnior (Lisboa).
- (1) Nick Carter Jr. (Lisboa).
- (1) O Cavaleiro da Triste Figura (Alhandra).
- (6) O Falção (Pôrto).
- (2) O. K. (Coimbra).
- (2) O Lóbo Solitário (Pôrto).
- (1) O Pucarinho de barro (Lisboa).
- (1) Pád-Zé (Lisboa).
- (3) «Philo-Vance» (Setúbal).
- (8) Rapsag (Setúbal).
- (1) Rei Carto (Pôrto).
- (3) Repórter G (Bombarral).
- (2) Repórter n.º 8 (Laranjeiras).
- (5) Repórter X... (Lisboa).
- (4) Rodavilas (Lisboa).
- (3) Rómulo (Lisboa).
- (5) R. P. (Lisboa).
- (1) Rui Alberto Coimbra (Aveiro).
- (2) Sálvio Jullano (Esmoriz).
- (4) Sapex (Maceira-Liz).
- (6) Scharco (Alcoçaba).
- (2) Sete de Espadas (Aguialva).
- (6) Simara (Lisboa).
- (3) S. T. Marranhokos (Lisboa).
- (4) Teimoso n.º 1 (Loulé).
- (2) Três Sombras (Lisboa).
- (1) Unknown G-Man (Loulé).
- (3) Zaratrusta (Lisboa).
- (8) Zirteba (Lisboa).

(Os algarismos entre parêntesis indicam o número de problemas resolvidos desde o início desta secção).

PROBLEMA N.º 11

O crime do "Pássaro azul"

Na verdade, o problema n.º 9 apresenta o maior lote de solucionistas conseguido até hoje. Que significará isso? Melhorar de forma nos que não acertavam... ou maior facilidade do problema apresentado? O futuro nos dará uma resposta. E — quem sabe? — talvez essa resposta venha já nos problemas n.º 10 e n.º 11. Entretanto, desejamos boa sorte e bom raciocínio a todos os concorrentes, especialmente aos que lutam pela «camisola amarela» dos solucionistas (não serão todos?) e até para a semana.

As soluções do problema n.º 11 podem ser enviadas, impreterivelmente, até ao próximo dia 17 de Agosto.



1 Numa bela noite de verão, o nosso velho conhecido inspector Cobbe resolveu ir até ao célebre clube nocturno «Pássaro Azul». Aí encontrou, entre várias outras pessoas, as duas belas cantoras do «Pássaro Azul», Greta e Gretchen. Ficou agradavelmente surpreendido quando Greta lhe deu a boa notícia do seu noivado com o chefe de orquestra Kendal Lucas. Cobbe felicitou-a com efusão, e, segurando-lhe as mãos, admirou o rico anel de noivado: «Magnífico!» — disse ele, sorrindo. Mas antes de se afastar, Greta segredou-lhe: «Não me abandone. Tenho recebido cartas com ameaças de morte.»

Cobbe olhou-a de novo. Mas já ela voltara a sorrir. Então, sem exteriorizar os seus pensamentos, o inspector despediu-se das duas cantoras e afastou-se.

2 A certa altura chamaram por Cobbe. Ele voltou-se e viu o sorriso galato de Ysolda Marilyn, figura bem conhecida nos meios mundanos. Sentou-se à mesa de Ysolda. Ela parecia um pouco agitada. «Estou nervosa, esta noite!»

De repente, porém, Cobbe deixou de lhe dar atenção. Viu que na mesa próxima se tinham sentado Glória Nason e Gerald Wyndhan. A testa do inspector enrugou-se. Que iriam eles fazer ali? E lembrou-se, imediatamente, que no julgamento de Charley Wyndhan, irmão de Greta que o condenara a trabalhos forçados por vender narcóticos. E lembrou-se também que Glória Nason estivera envolvida no caso mas conseguira escapar por habilidades do seu advogado...



3 Cerca duma hora depois, o gerente do «Pássaro Azul» apareceu alvoroçado junto da mesa do inspector e de Ysolda Marilyn. Greta fora assassinada no seu camarim!

Cobbe correu e viu logo indícios de Greta ter oferecido uma resistência grande antes de sucumbir.

Deixando o camarim, averiguou que Gerald Wyndhan fora visto nas vizinhanças do camarim pouco depois das onze horas. Um criado descobrira o crime às onze e dez.

Cobbe, Gretchen declarou: «Não tornei a ver Greta depois que o senhor esteve conosco. Depois das nove horas, não voltei a passar para os lados do camarim!»

Glória Nason, por sua vez, exclamou: «Não me pode acusar, inspector. Eu nada tinha contra a pobre pequena...»

E, por fim, Wyndhan afirmou: «Creia, não a odiava. O meu irmão recebeu o castigo que merecia. Todavia, fui esta noite ao camarim de Greta para falar com ela. Mas quando bati à porta, ninguém respondeu!»

O inspector Cobbe fez um gesto enérgico: «Basta!» E começou a esclarecer o «Crime do Pássaro Azul».

Quem matou Greta? Qual a prova principal de acusação? Por quê?

4 Então, Cobbe redniu Glória Nason, Gretchen e Gerald Wyndhan. Ysolda Marilyn safra apressadamente do «Pássaro Azul».

Diante do interrogatório de

(Ler a solução no próximo número).

CORRESPONDÊNCIA

REPÓRTER 33 (Francelos) — Parabéns pela sua dedução do problema n.º 8. Estava muitíssimo bem feita. É pena começar tão tarde...

SETE DE ESPADAS, (Aguialva) — E favor indicar os números que deseja. A «malta», com senhoras e tudo, recomenda-se...

ELVIRA DE CASTRO, (Ermezinde) — Faltam as provas principais na sua dedução, minha senhora. E sem isso nada feito...

RUI DE AGUIAR, (Lisboa) — Não acertou nas fotos das duas mulheres, apesar dos seus raciocínios demonstrarem inteligência.

CARLOS MENDES PAULO, (Lisboa) — A sua posição entre os concorrentes já está devidamente rectificada.

S. T. MARRANHEKOS, (Lisboa) — Quasi que prendia o assassino. Se não fosse a última linha do seu postal...

ALTO RUI, (Lisboa) — Sim senhor, descobriu muito bem a assassina e a envenenadora.

DETECTIVE DE SAIAS, (Braga) — Foi infeliz mais uma vez, na verdade. Mas... errar é próprio (?) dos detectives de saias... Não desanime, porém.

ARTUR VARATOJO, (Lisboa) — Acertou no «Veja se descobre». Simplesmente, não apresentou razões.

HENRIQUE FERNANDES, (Estremoz) — Conto consigo, no grupo dos bons solucionistas. Quanto às fotos da envenenadora e da assassina, os seus olhos enganaram-no...

MANUEL DO CARMO PERES, (Lisboa) — Pode escrever à vontade. Creia que não me aborrecei com as notícias dos leitores. Pelo contrário. Gosto muito destas trocas de impressões.

REPÓRTER MISTÉRIO

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10

A fotografia e a legenda n.º 3 mostram claramente que Charles Montagu está ferido no alto da cabeça. Portanto, o alto da copa do chapéu devia também apresentar a respectiva amolgadura, o que não sucede, pois o inspector verificou imediatamente que o chapéu está apenas amachucado na parte de trás (foto 2). Como poderia isso ter acontecido, se Montagu não estava ferido na nuca?

Além disso, nas suas declarações Montagu caiu numa contradição evidente: disse que fora atacado por um agressor invisível, o qual fugira com a pasta; mas por outro lado mostra um grande espanto ao saber que a pasta desaparecera...

Assim, partindo destas duas provas fundamentais, o inspector acusou Charles Montagu de ter roubado as 1.100 libras da pasta, simulando o ataque.

De facto, Montagu acabou por confessar a esconderia o dinheiro, fizera uma ferida propositadamente no alto da cabeça e amolgara o chapéu, para dar a Idéia dum ataque.

Simplesmente, a sua comédia não resultara por causa desses dois simples pormenores: o chapéu estava amolgado num lugar que não correspondia de modo algum à ferida da cabeça (fotos 2 e 3) e Montagu caíra na contradição de se mostrar surpreendido com o desaparecimento da pasta, «sabendo» que ela já fora levada pelo tal assaltante invisível.

Quanto à «rapariga», foi fácil ver que se tratava dum cúmplice. E a melhor prova era esta: ter-se dirigido a uma autoridade, para indicar o homem «vítima» do ataque. Ninguém melhor do que a autoridade servia para os fins em vista...

O livro português

LOURENÇO — o Magnífico — filho da poetisa Lucrecia Tornabuoni, herdou de sua mãe a sensibilidade artística e o amor aos livros. Devido à esse amor, manuscritos raríssimos e preciosos liqüeceram as bibliotecas de Florença, salvaram-se monumentos literários de séculos passados.

A iniciativa admirável deste intelligentíssimo e magnânimo Médico, se deve ainda o fazer entrar o livro na categoria de subido valor monetário, ao estipular que o rei da Hungria efectuará o pagamento duma dívida considerável em livros.

Há mais de 450 anos que este facto se deu, foi acceto e seguido pelos povos civilizados. Assim se proclamou o direito indiscutível à retribuição do nobre trabalho intelectual. Contudo, parece que em Portugal, tão comensal e justiceira verdade não penetrou nos cérebros e nas consciências da enormíssima percentagem dos leitores.

O livro, na nossa terra, sómente assume valor de «fazenda», para os editores e livreiros.

As pessoas decentes que considerariam acto condonável pedir meias solas gratuitas, e qualquer sapateiro, ou o feitor, duma gabardina, ao alfaiate, pedem o livro ao autor, como se o seu trabalho e o respectivo produto não admittissem cotação.

Mesmo alguns amantes da leitura portuguesa se furtam a comprar livros. Pedem-nos emprestados. Não mendigariam o empréstimo duma camisa, dum casaco, dum copo ou duma garrafa. O livro sim. E generosamente se permite aos amigos que compartilhem da leitura, sem autorização do proprietário. Em todas as futilidades merece a pena gastar dinheiro. Em livros — considera-se desperdício ou delitosa prodigalidade.

Ninguém se furta a dispender somas elevadas em espectáculos que lhe proporcionam momentâneo prazer e que, para repetir-se, obrigam a novo dispêndio.

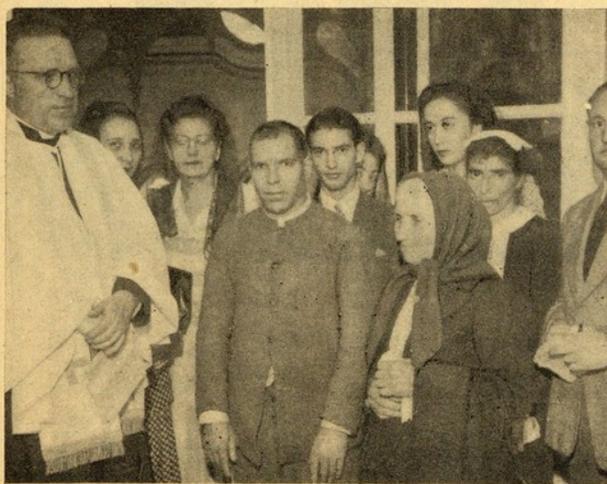
Ante os poucos escudos do custo dum livro, todos hesitam, embora o possível delite, gozado na leitura, possa renovar-se muitas vezes e constitua bens materiais e espirituais a legar a filhos e netos.

Os beneméritos fundadores de bibliotecas mercam estantes, mesas, cadeiras, até o capacho, convite discreto à limpeza, na entrada da porta. Apenas o livro, para o qual a casa ou a sala se erigiram em templo, e forma o recheio imprescindível à sua existência, não toma o seu lugar a expensas da instituição. Espera-se que seja oferecido pelo autor! Suponho que em nenhum outro país se pratica tão vilipêndioso atentado contra a intellectualidade, na sua feição mais alta e dignificante. O livro — florescência da alma dum Artista que vive em perene e angustiosa sede de beleza; que à germinação subtil da sua obra deu a riqueza criadora do seu pensamento, as setvas pujantes do seu espirito, as cores originaes da sua paleta, os golpes conscientes do seu cinzel, as irradiações das suas ansiedades, as energias frementes da sua emotividade, os fremitos e êxtases da sua inspiração, a luz dos seus olhos, as canseiras do seu peito e do seu braço e que, apertando ao seio o fruto das suas dôres, tem de curvar-se humilto ante o editor, impetrando a graça da edição e o magro estipêndio do seu trabalho, para o criador da biblioteca vale menos... do que o capacho.

É doloroso e humilhante. Mas infelizmente é a realidade pungitiva: nenhum trabalhador português é menos compreendido, amparado, estimulado, do que o intelectual, principalmente o escritor. Os inimigos, obedientes a rancores, não compram o livro, rangem os dentes, ignoram o mérito do autor. Os amigos esperam a amável oferta e, frequentemente, fulgam-se desobrigados, até de agradecê-la. Os indiferentes não lêem. Os emadores ou simpatizantes pedem o livro emprestado à infima minoria dos intrépidos que se aventuraram a comprá-lo. Por estas razões e por outras que se omitem, enquanto as edições de livros estrangeiros, muito inferiores aos portugueses galgam as dezenas de milhar, as nossas, muito intangidas, só por milagre rocam pela dezena de milhar, o que desanima os editores, descoraja os livreiros e não permite ao escritor português viver desajogado e como outros Artistas «só da sua Arte, só para a sua Arte».

EMILIA DE SOUSA COSTA

Um casamento na Penitenciária



Aqui há anos, em Ferreira do Zêzere, deu-se um crime de morte: Vicente Grilo desesperou contra um grupo de indivíduos que lhe assaltaram a casa, fazendo troça do seu amor temporário por uma mulher que podia ser sua mãe. Ela chamava-se Augusta da Conceição, não era rica, nem nova, com os seus 72 anos, mas ninguém tinha que ver com os seus amores por um moço de 47 anos. O Vicente, porém, excedeu-se, um homem veio a morrer do incidente e a justiça fez-se, condenando-o a uns anos de Penitenciária. Os seus amores de longa história ficaram, assim, sem o último capítulo — um capítulo que se escreveu, no sábado, na Penitenciária, onde a Augusta e o Vicente se consorciaram por iniciativa de um grupo de senhoras. Foi celebrante o prior de Campolide e aos nubentes foi oferecido carrozal e uma merenda.

FALA-SE ESTA SEMANA

DR. NEVES DA FONTOURA



Como embaixador do Brasil, o dr. Neves da Fontoura trouxe-nos a novidade de uma diplomacia dinâmica, viva, enquadraçada perfeitamente numa política de jovens para jovens, como é essa, a que a pátria de Rui Barbosa está seguindo; como escritor, o dr. Neves da Fontoura trouxe-nos ainda a novidade de um estilo, a originalidade dos seus conceitos sociais e humanos.

Homem de acção, que faz política de movimento e não de palavras, o dr. Neves da Fontoura exprime-se na linguagem dos factos, dos grandes exemplos e dos grandes acontecimentos. O seu livro «Orações dispersas», que contém algumas das suas lapidadas conferências — é isto mesmo: uma dupla função social, porque, depois de constituírem mensagem verbal, se transformaram em elegante mensagem escrita. A eloquência, o saber e a destreza no manejo das palavras deram-se as mãos e construíram este condensado de idéias que elevam o seu autor a um grande plano.

FILIPE LORIENTE



Filipe Lorient um grande violoncelista que tem dado as melhores provas do seu valor, no país e no estrangeiro, acaba de ser distinguido com mais uma prova de alto apêço em que é tida a sua arte, ganhando, o prêmio «Guilhermina Suggia», instituído pela Emissora Nacional. O ilustre violoncelista, que como bolseiro do Instituto para Alta Cultura, foi em Paris aluno de Paul Grümmer e por este convidado para um concerto em Viena, foi, também, aluno da grande Guilhermina Suggia e pertence à Orquestra Sinfónica Nacional.

CASTRO SOROMENHO



Uma segunda edição é sempre a confirmação de um êxito. Certamente, muitas vezes é puramente de livraria, porque não chega a interessar as camadas pensantes de uma sociedade. Não é certo, porém, o caso de Castro Soromenho, excelente prosador e notável observador que, quando quer, não vê só as terras de África mas o próprio meio e gente que o rodeiam. Os seus livros «Noite de angústia» e «Expedição ao país do ouro branco» — o primeiro dos quais obteve agora mais uma nova edição — por sinal que excelente — atestam as qualidades estilísticas de Castro Soromenho, a expressão emotiva e ao mesmo tempo objectiva como escreve. Por tudo, pois, não é difícil de prever um bom destino aos dois livros, tão dentro das medidas do pensamento e das correntes do nosso tempo.

SAÚDE PÚBLICA

Português mais dado ao confronto das nações e das raças há-de ter reparado que existem, por esse mundo fora, várias categorias de comerciantes e negociantes: os honestos, os semi-honestos e os desonestos. Cada país podia, mesmo, levar a sua etiqueta, grangeada, aliás, nas relações entre os povos. Nós, claro, não vamos aqui pôr carapuças — pois sempre é bom que nos abstamos de o fazer. Limitamo-nos, por isso, a comprovar a falta de escrúpulo com que, de um modo geral — honra às excepções — o nosso comércio se tem comportado, já não diremos desde sempre mas apenas depois que a guerra veio trazer tão graves prejuízos à nossa economia, ao mesmo tempo que nos abria tão largas oportunidades, se as tivéssemos sabido honestamente aproveitar. O governo, só por si, não pode fazer tudo. Aconselha, conduz, encaminha, castiga ou facilita — mas não pode nem deve realizar. As operações pertencem à iniciativa particular: a moral e a força aos organismos do Estado que, neste decorrer de 5 anos, fez quanto pôde e devia fazer em benefício comum. Vê-se, porém, que esses benefícios nem sempre chegaram onde deviam — e se eles vieram foi muita vez à margem da lei. O que veio a público, a respeito da aguardente exportada para os Estados Unidos, é simplesmente vexatório. E o que se tem passado com os vinhos do Pôrto, em relação ao Brasil, à Inglaterra, etc., exprime de um modo claro e na medida grande, a propensão para a fraude, impossível talvez de controlar e de combater, sempre que a moral do comerciante esteja abaixo de qualquer crítica. Mas, ainda mesmo que não quiséssemos apontar essas linhas largas do nosso comércio exportador — outras mais modestas mas nem por isso menos prejudiciais surgiriam, na ponta do comentário: o nosso comércio interno, onde os mixordeiros andam aos cardumes, por mais que a Polícia lhes cãia em cima. São os leiteiros, os fazedores de pão e de enchidos, os vendedores de carnes — todos esses que, dia a dia, engrasam as notícias nas colunas dos jornais.

Salvo melhor opinião, porém, a acção da Polícia, funcionando de acordo com a Direcção Geral de Saúde, não é tão severa quanto devia, com esses verdadeiros criminosos. E aí temos, por exemplo, o caso dos Estados Unidos, país super-civilizado que castiga os mixordeiros sem apêlo nem agravo; casa onde seja apanhada mixórdia, fecha para nunca mais abrir. As multas, os encerramentos temporários, tudo o que seja, enfim, prejuízo do comerciante só reverte em desfavor do público, porque o ganancioso e mixordeiro, mal tem ordem para abrir a porta, desforra-se como pode ou como não pode.

Precisamos, por isso, que seja mais severa a lei, que o comerciante saiba que só pode prevalecer uma vez na vida, porque a porta que se lhe fechar nunca mais será aberta, onde quer que seja e com o que quer possa ou queira.

A pena é dura? Sem dúvida. Mas, para vilão — vilão é meio. A saúde pública e o bom nome do nosso comércio precisam de sofrer sérias depurações, para que seja um título de orgulho da nação e nunca opróbio de todos.

A Maternidade de Cascais

“Uma realidade que nasceu de um sonho”

diz a sua presidente, sr.^a Azancot

COMO nasceu a Idéa e a possibilidade de dar a Cascais uma maternidade, com um funcionamento que garantisse o máximo de eficiência? «Estas coisas nascem às vezes de um pouco de sonho e também das realidades amargas» — disse-nos D. Maria Amélia Azancot, uma senhora que irradia um poder delicioso de persuasão, simplicidade, distinção, simpatia — como directora e fundadora da Obra Maternal Maria Amália Vaz de Carvalho.

— E, creia, se não fôsse essa força persuasiva, esse poder misterioso que vem das palavras, esta casa não teria obtido, como obteve, a confiança de todos e o interesse de muitos. Cascais precisava d'este estabelecimento de assistência que exerce a sua acção desde a Penha Longa, quasi em Sintra, até aos concelhos limitrofes de Lisboa. Faz lá idéia! Era raro o dia em que não se dava conta de um caso grave de maternidade, caso que terminava na morte ou na loucura. Há por aí fora tanta saloia, tanta mulher de pescador ignorante!...

Sem dúvida, o caso que a sr.^a Azancot está a expor-nos não é privativo do concelho. Mas, sem dúvida, também, nem em todos os centros urbanos ou rurais existe quem o reconheça como a presidente da Maternidade de Cascais. É muito curiosa a história da fundação desta instituição, e nós passamos a palavra à sr.^a Azancot:

— A compreensão foi o segredo do nosso êxito. Primeiro, vá lá, a minha que me levava a casa de uns e outros com remédios e conselhos. Lepois, a de quantos passaram a colaborar nesta obra, que é realmente de todos. Quere acreditar? Isto passou-se à mesa, durante um almoço. Uma amiga minha, a quem me lastimava — a pintora Susana Bonvalot que todos conhecem — depois de me ouvir, disse em ar de desafio: «Pois é, todos dizem que é preciso fazer alguma coisa mas, afinal, ninguém faz nada!».

Todos sabem que a mulher é caprichosa. Naturalmente, confirmar a regra era uma virtude da sua condição de mulher, porque a sr.^a Azancot passa a explicar-nos:

— Logo nesse dia fui, de porta em porta, perguntar às pessoas minhas amigas: «se eu precisar que você me dê 5 escudos por mês, posso contar com êles?». Ficavam muito intrigados, porque eu não dava explicações e ia bater a outras portas. Enfim, quando supus que podia contar com uma certa importância mensal, procurei casa e dei satisfações. Iamos ter, não ainda uma maternidade mas um lactário que principiou a funcionar em 1936. A maternidade surgiu mais tarde, em 1940, instalada já hoje em prédio próprio que nos custou cerca de 100 contos e tem uma receita mensal muito razoável, embora não seja bastante. Do nada, da palavra, da boa vontade, do interesse, nasceu esta casa que, em quatro anos de exercício, já assistiu a 900 mulheres, registando um só óbito. Já se fazem aqui operações melindrosíssimas.

E, no entanto, não é nos números mas no seu carácter tão diferente de tudo, que devemos encontrar o melhor motivo da nossa admiração pela obra e pelo grupo de senhoras que se esqueceram da prala e da mesa do «bridge», para se sentar à mesa de trabalho a tricotar, a pensar em pensos e ligaduras, a deitar contas à vida — dos outros.

— Podemos considerar esta casa modelar?

— Talvez. Aperfeiçoámo-la à custa da nossa experiência. Por isso o Estado, que reconheceu o nosso esforço, lhe tem dado o seu auxílio. Quando quisemos instalar uma sala de operações, o sr. Presidente do Conselho ofereceu-nos 10 contos. A sr.^a Carmona conta-se entre as nossas benfedoras, a duquesa de Windsor passou por aqui para nos elogiar e ajudar. E, isto, sem falar do apoio que temos recebido dos srs. drs. Diniz da Fonseca, Alberto de Faria e Sousa Gomes.

E a sr.^a Azancot não esqueceu o carinho de todos:

— Quando esta casa começou a funcionar, ainda sem o dinheiro de que precisava, o entusiasmo da população foi tão grande, que até as criadas vieram trabalhar de graça, seguindo o exemplo dos médicos e das enfermeiras.

A nossa ilustre entrevistada sorri: — Parece o milagre das rosas... São tantas as dedicações... Mas não, nenhuma se sobreleva à da senhora Cohen... Pode dizer-se que ela é a capitalista desta casa. Trabalha sempre, ajudada por empregadas e amigas, para que os roupeiros da Maternidade estejam chelos... Veja só!

E duas portas largas se abrem de um grande roupeiro pintado de branco e atestado de roupinhas.

— Repare que é tudo tão gracioso e perfeito, com se viesse da melhor casa do Chiado. E, no entanto, muitas destas coisas são feitas com sobras de lãs e com fios ripados, unidos a lãs de outras cores e trabalhados depois por um processo inglês muito económico.

— Prestam assistência a todas as mulheres que a solicitem?

— Sempre. Nesta casa pequenina onde há uma dúzia de camas, nunca se fechou a porta, por falta de lugar. Cabem todas. As que podem, pagam. As que não podem, não pagam. E cada parto importa em cerca de 500 escudos...

— O regime de funcionamento é puramente particular?

— Claro, embora receba uma contribuição do Estado. A partir do ano passado, foi-nos aumentada a verba de 500 para 1.000 escudos mensais. Nós gastamos à volta de doze contos mas, enfim, sempre vamos vivendo e dando vida. Para integrarmos, no entanto, esta instituição no grande plano de uma rede de maternidades a instalar pelo Estado em todo o país, modificámos este ano os estatutos. Isso, porém, só nos honra, porque esta casa goza de tanto prestígio nas esferas superiores, que foi encarregada de estudar a criação dessas maternidades.

A sr.^a Azancot, que conhece o funcionamento das maternidades dos vários países e que tem recebido o elogio de especialistas estrangeiros, quer ainda falar-nos do seu próximo programa de propaganda por essas terras fora, com leituras e os esclarecimentos prestados por mulheres que passaram pela Maternidade. E fala-nos também da festa do próximo sábado e domingo, nos jardins do palácio Castro Guimarães:

— Precisamos de comprar uma ambulância para correr onde fôr preciso, com todos os tratamentos. Mas, por enquanto... só temos a garagem...

Na Obra Maternal Maria Amália Vaz de Carvalho há também um lindo quarto particular, onde quem pague pode ser internada. As enfermeiras são quartos pequeninos com os berçinhos ao lado — quatro ca-

(Continua na pág. 14)

NOTAS RÁPIDAS



O Chefe do Estado, com o sr. Presidente do Conselho, que é também ministro da Guerra, assistiu, no domingo, ao juramento de bandeira dos recrutas das unidades da capital. Estiveram também presentes os srs. ministro da Marinha e o major-general do exército, recendo-se a cerimónia, que se efectuou na Praça do Império, da máxima imponência.



Na escola Industrial Faria de Guimarães, no Pôrto, as finalistas de cort' aprestaram as suas provas. Pelo clichê se vê que são muitas e, como nota de curiosidade, devemos acrescentar que os vestidos envergados pelas alunas foram por elas executados e constituiram a sua prova de exame.

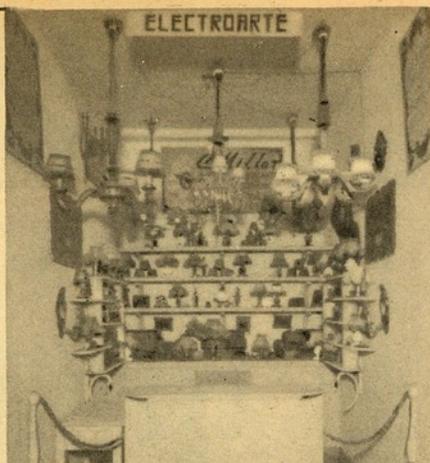


Como os jornais noticiaram, a vila de Paredes esteve, há pouco, em festa. Nada menos do que duas inaugurações: os paços do concelho e a cadeia da comarca. Para actos tão solenes, esteve em Paredes o sr. ministro do Interior, que foi festivamente recebido.



As relações luso-brasileiras mantêm-se no mesmo alto nível de compreensão e estima. A confirmá-lo, ai temos a visita que as autoridades galegas fizeram, há tempos, às entidades oficiais. A foto junta foi feita no Governo Civil, onde os visitantes foram alvo de expressivas homenagens.

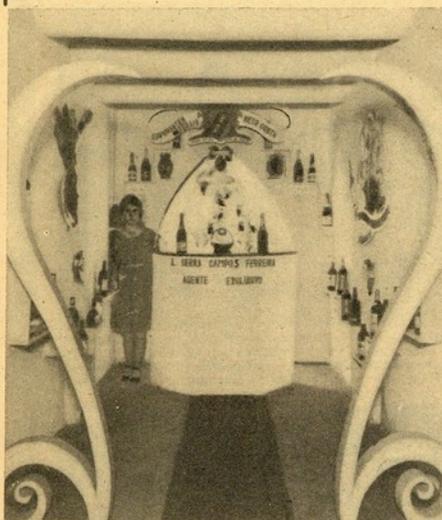
V
I
S
I
T
E
M



"Stand" C. Miller

Fabricação de lustres e candeeiros em todos os géneros
6, R. Eduardo Coelho, 8-34, R. do Duque, 36-Lisboa-Tel. 28813

OS MELHORES



"Stand" da casa: **A. Serra Campos Ferreira**
Agente exclusivo dos vinhos do Porto Santhiago - Espumantes
Neto Costa - Vinhos de mesa "SOGRAPE" e Compotas de
Frutas da Central-Coimbra

"S
T
A
N
D
S"
DA

FEIRA POPULAR



"Stand" das máquinas de costura **HUSQVARNA**, uma
maravilha da indústria sueca. — Venda aos melhores preços
e a prestações durante a Feira

"Corrente de ar"

(Continuação da pág. 24)

soufreu a prisão — porém, muito satisfeito, porque sofria por Suzanne...

* * *

No dia em que veio cá para fora, Oscar correu à redacção de um grande jornal para folhear a coleção. E foi com enorme satisfação que encontrou um pequeno anúncio: «Dá-se boa recompensa a quem entregar alfinete de platina com brilhantes, perdido com certeza de Neully a Paris, no mês de Maio».

Em seguida, o número de um telefone.

— Desta vez, tenho-a na mão! — pensou Oscar.

E, pouco depois, uma voz feminina marcava-lhe encontro num grande hotel parisiense.

— «Apartamento» 13 — informou o porteiro.

No n.º 13, uma criada disse que Madame o esperava. Mas — oh! céus! — Madame era morena, uma morena fina e encantadora, indiscutivelmente, mas, enfim, uma morena tão morena...

— É muito gentil da sua parte, trazer-me esta jóia. Para mim era uma recordação tão carinhosa... Não impossível descobrir se a teria perdido ou se me teriam roubado, quando assaltaram a minha casa de Neully...

— Ah! era seu... quero dizer, assaltaram a sua casa, minha senhora? — E, depois disso, já não quero habitá-la. Tenho medo. Naturalmente, encontrou esta jóia na rua?

— Sim, minha senhora — balbuciou Oscar. — Depois, fiz uma larga viagem pelo estrangeiro. Por isso só agora vi o seu anúncio...

A senhora morena apresentou-lhe então uma larga recompensa: uma magnífica importância em dinheiro que Oscar recusou nobremente. Estava terrivelmente triste e desanimado, via só diante de si cabelos loiros... Mas a senhora morena insistiu tanto em recompensá-lo, e ao mesmo tempo, era também tão bonita que, agora, Oscar Latrelle deixou de ser ladrão e passou a ser proprietário.

"Uma realidade que nasceu de um sonho"

(Continuação da pág. 13)

mas em cada quarto — tudo com um, ar de bem-estar e camas sempre cheias... Cá em baixo, numa sala onde a direcção se reúne para trabalhar à volta de uma mesa coberta de oleado azul e branco, porque é ali que funciona também a pequena e modesta cantina, para as mães pobres — há o mesmo ar de graça imponderável, de lar espiritual de uma família grande, com muitos filhos esperando à sombra úmida das matas ou das «chatas» de barrega para o ar nas pralas de ouro...

Do primeiro andar desce até cá abaixo uma sinfonia de choros de crianças. Têm ambas 8 dias, mas gritam como se tivessem meses, no excelente exercício que Deus lhes ensinou do mundo dos anjinhos donde vêm.

— A assistência pré-natal preocupa-nos tanto como a dos partos. Mas vamos a todo o vento, de velas erguidas. Havemos de chegar onde

Onde há água germina



a relva...

...Só onde não entre o

— 0 —

CASULO Limpa-Fatos

permanecem as nódoas e o lustro da roupa.

CASULO, fórmula inimitável de 6 substâncias químicas inofensivas, suprime radicalmente o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e TORNA OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

Só custa 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER
& ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



quisermos — diz a sr.ª Azancot a despedida.

E se ela o diz é porque o faz!

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 28470

compra, vende troca,
emprêsta e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização
no seu género



A VOLTA AO MUNDO

Desde Tunis a Kisca... de Tarawa a Cassino... os rapazes americanos, equipados com solas Panco, vão marchando para a vitória. É uma guerra dura, uma guerra de movimento que requiere solas à altura da sua árdua missão. Trilho de montanha ou carreiro de selva, Panco leva-os de vencida, como o bom soldado que é. Com a paz, Panco regressará ao serviço dos civis. Melhor do que nunca, graças à experiência adquirida, com as necessidades da guerra, pela maior fábrica do mundo no seu género. Valerá a pena ter esperado pelas

SOLAS PANCO

O LAVADOURO DA MADRAGÔA

Uma «Aldeia da roupa branca» em Lisboa...

— Bom dia. Salve-as Deus, raparigas.

— Ora viva a sr.^a Brígida! Há muito tempo que não aparecia.

— Contos largos... O meu homem...

— Querem ver que voltou a fazer das suas?!...

— Parece impossível! E tão boa mulher que vocemecê é!... Uma coisa assim nunca se viu!

— Se fôsse comigo, eu lhe diria.

E, enquanto a conversa se anima e os comentários se cruzam rápidos, a mulher poisa o alguidar da roupa no chão, junto ao tanque, e começa a molhar uma camisa de xadrês largo, de tons pouco berrantes, autêntico bilhete de identidade da profissão do marido.

Alta e forte, blusa clara, avental de largos franzidos a cobrir a saia rodada, apesar de não trazer o clássico chapelinho preto sobre o lenço da cabeça, não podia negar estar ali uma descendente dos marítimos do Douro litoral que no século XVII vieram fixar-se no bairro da Madragoa, em Lisboa.

A cena passa-se no lavadouro, ao fim da Rua do Machadinho, artéria estreita que vem das Trinas e desemboca no largozinho formado pela confluência dessa verdadeira avenida bairrista com as ruas do Quelhas e dos Industriais.

O lavadouro é como que uma grande sala comum, onde as mulheres do povo se reúnem. Tudo ali se sabe, de

tudo se dá conta. Enquanto a roupa se lava e a água canta a correr para os tanques de passagem, as ocorrências mais importantes do dia a dia daquela boa gente trabalhadora desdobra-se em falatório que não chegando a ser curiosidade ociosa, é passatempo de quem passa a vida a mourejar e aproveita as horas de assembleia para desenferujar a língua com as vizinhas e amigas, porque na Madragoa quasi todos se conhecem uns aos outros.

Esse bairro popular tem recantos que a maioria da população lisboeta quasi desconhece. As ruas são estreitas e o sol, riqueza dos pobres, não visita as janelas longamente. Só de fugida faz a sua aparição e, mesmo assim, não chega a toda a parte. E, como em geral as varinas gostam de trazer as roupas bem lavadas, o problema resolve-se com o lavadouro, que oferece a comodidade dos seus belos tanques, com a água mudada todos os dias e outros de água sempre limpa para passar a roupa depois de ensaboada a valer.

Os lavadouros municipais estão entregues às Juntas de Freguesia para efeitos de conservação. Há um guarda e duas vigilantes. As 8 da manhã, abrem-se as portas e, até às 17 horas, toda a gente pode utilizá-los.

Se quem vai lavar trazer a roupa e uma vasilha, paga 1\$30, se dispensar a comodidade do alguidar paga apenas \$80. Se quiser utilizar-se dos arames



E enquanto a água ondula no tanque ao compasso do bater da roupa, a conversa anima-se entre as mulheres

do coradouro para enxugar, paga mais \$50 por cada um, podendo deixar ficar a roupa de um dia para o outro que ninguém leva o que não lhe pertence. O sabão é que cada qual tem de trazer de casa...

As 16 e 30, começam a ser os tanques despejados, e, depois de feita a respectiva limpeza, as torneiras são abertas de novo às 18 horas. E a água fica a correr até de manhã, para que quando se torne a abrir ao público os tanques estejam bem cheios de água límpida.

Pormenor curioso: as próprias mulheres fazem polícia por sua conta e não consentem que alguma mais sem consciência vá conspurcar com roupas enxovalhadas as águas claras, destinadas à última demão de passagem das peças, já capazes de ser postas a estender.

Há horas em que o lavadouro se transforma numa colmeia de infatigáveis trabalhadoras. À segunda e sexta-feira funcionam só seis tanques, nos outros dias há nove em actividade. O bater da roupa nas pedras ouve-se às vezes quando se sobe a Rua dos Industriais.

Velhotas com o seu chapelinho preto de varinas sobre a neve dos cabelos mal cobertos com os lenços escuros, de cores indefinidas, dão ao local a nota característica e inconfundível, a dizer que apesar dos modernismos banalizadores, ali continua a dominar a moda antiga e linda da região ovarina.

O Mocambo era nos séculos XVI e XVII o antigo bairro dos pretos. Confinava com a Madragoa, que começa na Rua das Madres e Vicente Borga, onde se instalaram as varinas.

Com a abolição da escravatura, nos princípios do século XIX, os pretos foram-se pouco a pouco dispersando e acabaram por desaparecer do Mocambo. Os moradores da Madragoa alargaram os seus domínios e hoje a Rua das Trinas do Mocambo, agora chamada só das Trinas, e as ruas próximas são mais ou menos habitadas por pessoas da Madragoa, gente boa, honesta e trabalhadora, friso de côr local inconfundível, entre todos os bairros da maravilhosa cidade ulissiponense, há tantos séculos debruçada a mirar-se vaidosa nas águas rumorejantes do Tejo.

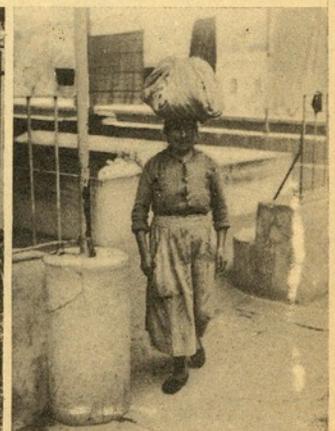
GERMANA BRAZ DE OLIVEIRA



Na pedra do tanque, a roupa, às vezes, é batida a pau, porque o tempo não se pode desperdiçar.

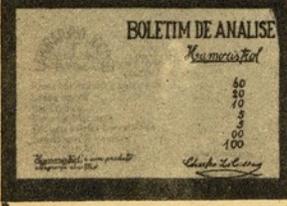


O sol incide sobre o coradouro, e a menina Amélia e a sr.^a Ana Rosa apressam-se a estender lençóis nos arames de secagem



Com a trouzinha das pobres roupas à cabeça sai contente do lavadouro. O azeite é a riqueza dos humildes.

OS
LIVROS
DO
MOMENTO

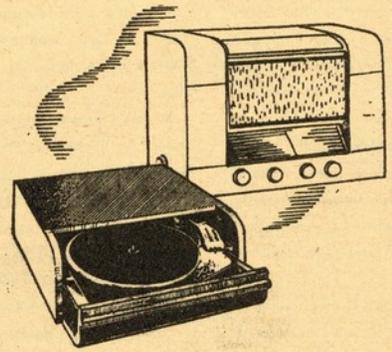


Os livros
que deve ler

EM TERRA, NO MAR OU NO AR
USE



Outros modelos desde 300\$00



Modernize
o seu rádio

Transforme-o num rádio-gramofone
aplicando um discofone eléctrico
próprio para **REPRODUZIR**
DISCOS através de
qualquer aparelho
receptor

Modelos para corrente alterna
Modelos para tôdas as correntes

Peça uma demonstração nos
EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

ESTREIA DA SEMANA

NO AVENIDA

«O Atrevido» — assim se intitula a peça com que se estreou um novo autor: Redondo Júnior que, se não apresenta um trabalho já definitivo, vem provar alguma vantagem há na renovação dos elementos que trabalham para o teatro. A sua peça tem frescura de idéias, certa originalidade — e só não é perfeita, porque é a primeira. Certamente, se ele tivesse mais experiência, havia de ser, por vezes, menos empolado, para reconhecer, por outro lado, que certos comentários são banais. E não vale a pena dizer o que é a peça, nem criticá-la, nem vaticinar-lhe longa ou pequena carreira. O público que olça e que a veja — porque tem lá carapuças para todos. «O Atrevido», não obstante ser comédia risonha, ainda dá que pensar, para além do espectáculo que, em boa hora, António de Macedo resolveu pôr em cena.

* Os cenários são velhos e de mau-gosto — principalmente o do 1.º acto. Depois do que está a fazer-se no Ginásio e no Trindade — não nos esqueçamos de que, durante anos, só o Nacional nos deu boas montagens — ainda há quem insista em fugir à obrigação dos bons cenários? Então, o público não tem olhos?

* A interpretação está de harmonia com a categoria dos artistas — incluindo o Gambôa que vai excepcionalmente bem, e a Madalena que não tem papel.

NO APOLO

Mais uma revista — «Oh! viva da costa!» — igual a muitas outras, embora com virtudes que faltam à maioria: menos grosseria, certo ar de limpeza modesta, certa originalidade na apresentação do espectáculo que Mário Pires, éle só, subcreveu.

* Dizem que Amália Rodrigues é a vedeta 1944. Mas por quê? Que virtudes tem esta simpática pequena, para que queiram, à fina força — dizem-nos que até contra a sua vontade — fazer dela uma actriz? Então, não está mesmo a ver-se que a Amália não tem linha nem temperamento para vedeta? O seu fiozinho de voz, aliás bem timbrado, pode ficar bem no fado, cantado na roda de um cento de pessoas num retro. Mas no palco perde-se, como se perde a sua figura que se quebra e esbate, porque não tem personalidade. Seria por reconhecerem tudo isto que a Amália não foi contemplada com bons números? Como resultado bago e inexpressivo o seu «Barrile Verde!» Depois, Amália pinta-se mal. Os seus olhos são bonitos. Por que há-de, então pintar as pálpebras com aquêlê azul impossível? E a boca, que é bonita também, por que há-de alongá-la, fazê-la quasi quadrada?

Não haver quem dê uns conselhos à Amália, Santo Deus!...

* Final, a verdadeira vedeta do conjunto foi a Virgínia Soler. Que bem que ela canta, se desdobra em múltiplas interpretações, quasi sempre de fantasia caricatural... É uma pena que nunca ninguém se tivesse lembrado de fazer dela vedeta de um ano qualquer. Mas isto, claro, ser ou não ser vedeta não depende tanto do talento como de muitos outros factores — um dos quais é a sorte. Além de Soler, I.ª e Salvador, magnífica parelh. de baile, cheia de fantasia excêntrica, mereceram as palmas da noite que foram, também, para Manuel Santos Carvalho. Além de excelente compêragem, coadjuvava por Carlos Leal, Santos Carvalho foi excelente na rábula do bilhar. — Parabéns a quem a escreveu! O que não está certo é aquela palhaçada dos «travesti». O primeiro bailado de Humberto Madeira passa. O outro deve ser cortado — mesmo contra as palmas do público da geral que desceu até aos camarotes de 2.ª ordem, em mangas de camisa...

* Os cenários são quasi sempre felizes — mas é preciso destacar, sem-favor, dois talões de Manuel Lima, um grande artista do nosso tempo que anda a desperdiçar-se com mágoa de quem o aprecia.

ESPECTADOR

ERICO BRAGA regressou de Espanha onde foi rei e diplomata...

— Allô, Erico?
— Não, agora não sou Erico, sou Afonso, IV de nome e rei de Portugal...

famos para desligar o telefone a pensar que falávamos para o Manicômio, mas, de repente, lembrou-nos de que aquêles ares de Espanha não deviam ter-se dissipado ainda da razão do querido Braguinha. A entrevistista devia andar à roda dos seus projectos teatrais — mas, afinal, surgiu uma conversa telefónica, a respeito do que fez e lhe aconteceu em Madrid, donde regressou com Raúl de Carvalho e António Ruas...

— Se você visse o que êstes dois artistas realizaram! E o Villaret? E o António Vilar, que não é actor de teatro, numa altura em que tanta experiência teatral esta interpretação requeria? Tenho a certeza de que o Vilar vai ficar lá por fora. As suas qualidades são excepcionais, garanto-lhe.

— E o filme?

— Quanto a mim, dos melhores que se tem feito em Espanha. Nunca em Portugal se poderia fazer «Inês de Castro», com os seus 7 milhões de pesetas empastadas. Basta dizer-lhe que só um «décor» — o do julgamento — custou 80 mil pesetas... para ser desmontado uma hora depois...

— E a interpretação, de um modo geral?

— Magnífica, faz lá idéia! Os artistas portugueses ficaram altamente cotados, foram, mesmo, além da expectativa. Mas, acima de todos, é preciso colocar Leitão de Barros que, com a sua sensibilidade artística e o capital largo que puseram à sua disposição, vai agora dar a mais definitiva prova da sua arte e da sua técnica. Evidentemente, o filme não é só feito por êle. É preciso destacar uma equipa de técnicos, onde há um Guerilas, que fez o «Gado Bravo» e que é hoje considerado o melhor operador europeu. E Gracías Viñolas, assistente de Leitão de Barros e autor dos diálogos em espanhol, e o Escriba...

— E os artistas espanhóis?

— Alicia Palácios, filha do grande cómico Palácios, e que era apenas vagamente actriz, revelou-se uma grande artista dramática.

— Crê, então, no cinema espanhol?

— Mas da forma mais absoluta! Então, num país em que se são 800 contos de prémio a um filme, não há-de fazer-se bom cinema? Depois, em Espanha, há grandes medidas de protecção à indústria. Por exemplo, as firmas distribuidoras têm que ser produtoras, de contrário não podem importar filmes estrangeiros.

— E a vida, em Espanha?

— Magnífica! Magnífica e barata, em relação à Espanha. Ninguém pode fazer idéia da forma como a Espanha se recupera e reencontra!

— E trazem boas recordações pessoais?...

— Se lhe parece... Não diga nada, mas olhe que eu acho que os espanhóis ainda nos superam em amizade e atenções... E o Dias Amado, sim, aquêlê bom muchacho, filho do português que ficou célebre por causa do deparativo? É o nosso estúpido agente de ligação...

— Vocês todos gozaram, hein?...

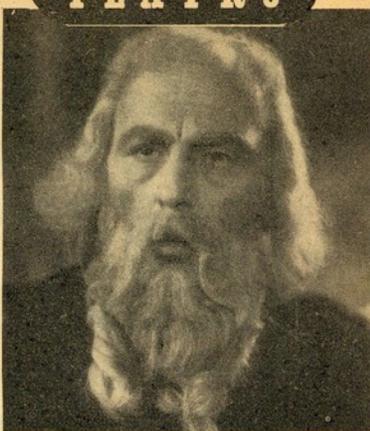
— Eu e o Villaret não perdemos uma corrida de toiros. Desconfio que êle até ficou mais toureiro do que actor... Mas passámos as passas do Algarve em Tolédo. Por causa do passaporte que deixámos em Madrid, o dono do hotel lembrou-se de telefonar para a Comissaria. Não lhe digro nada: foram duas horas de prisão e explicações, porque o Villaret, a certa altura, puxou de uma escóva de dentes, que era a única coisa que levava nas algibeiras, e o polícia julgava que era um pisto-depois de tudo esclarecido telefonicamente com Madrid, nos foram pôr no comboio das 8,30. Mal vimos Tolédo!

Do outro lado do fio, o Erico ri a bom rir. Mas é por outra coisa: — «Você sabe? Em Espanha, gosto de «parécê» careca... E o mais en-

graço é que fico com uma cara igualzinha à do ministro da Roménia em Madrid. Está a ver as confusões, hein? Eu de careca e monóculo com o Villaret, que anda de cabeça rapadinha de todo, a passar em certos lugares elegantes por diplomata! Ah! mas quem também foi extraordinário de amabilidade, foi o sr. embaixador Dr. Teotónio Pereira e o sr. cônsul Dr. Xara Brasil, que nos ofereceram um almôço de despedida... E agora por despedida, oh! diabo, que tenho de ir para o Variedades!

Ainda lhe gritámos dêste lado do fio:

— Veja lá se a «Testa de ponte» se consolida no cartaz! Mas o Erico não ouviu: tinha desembarcado já no Parque Mayer...



Esta é a cabeça de D. Afonso IV, numa magnífica caracterização de Erico Braga, sobre estudos feitos à base da máscara que repousa no túmulo de Alcobaga.



Alicia Palácios vai junto de D. Afonso, seu rei e seu sogro, implorar misericórdia. No primeiro plano, vê-se Villaret, o bôbo da côrte.



Ao fundo, Raúl, Ruas e Buerlegui, os tr's a-sassinos, «Diogo L. Pacheco», «Álvoro Gonçalves» e «Pero Coelho». «D. Afonso» acaricia uma «buva» que submette o falcão que não se pôde arranjar. Como o bicho tinha mau cheiro e era mau, chamavam-lhe o «falcão»... perigosos...



A criança que está ao colo de «Inês de Castro» é a infanta «D. Beatriz» — uma miúda adorável que se portava admiravelmente — menos quando via as barbas do Erico. Então dava «spulos de côrça»...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXVI—Países ocupados—Polónia

TRANSFERÊNCIAS DE POPULAÇÕES

Os estabelecimentos de instrução polacos foram encerrados e quando reabriram o seu pessoal docente era constituído exclusivamente por professores de nacionalidade alemã. Entre esses estabelecimentos contava-se um que gozava de excelente reputação nos meios académicos de toda a Europa: a Escola de Altos Estudos Comerciais de Poznan. Com as medidas rigorosas adoptadas em relação às instituições culturais e de assistência coincidiu a aplicação de medidas também bastante severas em relação a instituições económicas e financeiras, associações comerciais e industriais, empresas privadas e bancos. Os jornais locais também ficaram sujeitos a um sistema de fiscalização especial.

Um problema, apesar de tudo, subsistia, que continuava a ser um obstáculo sério para a germanização completa das províncias orientais da Polónia. Era o problema da língua, sempre delicado em casos desta natureza. A língua é o traço de união mais forte entre as minorias e os países de origem. Os próprios alemães fizeram essa experiência durante o período que se seguiu à celebração da paz de Versaillies. Não admira, por isso, que o «gauleiter» Forster, que como Grelser teve também grande notoriedade nesse período da vida alemã, escrevesse: «Devemos esforçar-nos por fazer desaparecer a língua alemã destes territórios. Só assim se romperá o laço que liga os seus habitantes à Polónia». Em muitos casos a exploração das empresas privadas, comerciais e industriais foi confiada a dirigentes alemães.

Simultaneamente, os alemães procuraram realizar uma transferência de populações, trazendo para as províncias orientais da Polónia habitantes de outras regiões, especialmente, como já foi indicado, dos países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia), das minorias alemãs da Roménia, da Itália e das províncias orientais da Polónia que tinham passado para a dominação russa. Esta substituição, por maiores e mais

extensas que fossem as precauções tomadas, não podia deixar de se reflectir na vida económica e cultural daquelas regiões. E a perturbação era tanto maior quanto mais graves iam sendo as repercussões de ordem geral provocadas pelo prolongamento da guerra na Europa e pelas exigências que esta implicava. A eclosão do conflito germano-russo, ocorrida algum tempo depois, teve uma influência decisiva na evolução deste processo, que constituiu uma das páginas mais dramáticas da história desta guerra.

O REPATRIAMENTO DE SUBDITOS ALEMAES

Terminada a campanha da Polónia, as autoridades do Reich começaram a repatriar os alemães que habitavam os territórios da Europa oriental ocupados pelos russos, não só os das províncias orientais da Polónia, como os dos países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) e das regiões da Roménia (Bessarábia e Bucovina) que nessa altura (Outubro de 1939) foram incorporados em território soviético. Estes alemães, descendentes dos colonos que no decurso dos séculos se tinham instalado nos referidos territórios, foram quasi todos levados para as províncias orientais da Polónia incorporadas no Reich. Uma grande parte deles, proveniente dos países bálticos, instalou-se nas grandes cidades, como Poznan, Torun, Bydgoz e Gdynia. Os camponeses foram transferidos para as comunas rurais disseminadas entre o Mar Báltico e os Carpates.

Os recém-chegados tiveram uma recepção condigna, conforme as suas profissões: aptidões, alojamento, inspecção médica, oficinas, herdades agrícolas, estabelecimentos industriais, lojas, armazéns. Numa grande percentagem, estas instalações tinham pertencido a proprietários polacos.

Uma parte da população polaca, habitando cidades inteiras ou apenas certos bairros em algumas cidades, abandonou as suas propriedades. Mas esta transferência não se fez, dum forma geral, em obediência a decretos legalmente promulgados, mas sob a simples acção das

autoridades locais. Este procedimento criou, em certos locais, uma crise de mão de obra, pois não era possível substituir rapidamente os trabalhadores polacos por elementos alemães.

No «Wartheland», por exemplo, foram encerradas, por esse motivo, cerca de trinta mil pequenas oficinas onde os trabalhadores polacos exerciam, até aí, a sua actividade. Das vinte mil empresas comerciais que existiam no Pomorze (corredor polaco), apenas algumas centenas puderam subsistir. A transferência da propriedade agrícola fez-se nas mesmas circunstâncias e com os mesmos inconvenientes. Não se tratava apenas dum alteração no direito de propriedade mas dum substituição, em grande escala, dos elementos de trabalho. E estes não eram facilmente substituíveis, e quando a sua substituição era possível operava-se sempre com inconvenientes apreciáveis.

A «VOLKSLISTE»

Para dar remédio a estes inconvenientes, as autoridades alemãs organizaram a «Volkliste», que depois veio a alcançar tão grande notoriedade. Era uma lista de indivíduos de origem alemã ou que tendo afinidades com os alemães gozavam de certas prerogativas e tinham um direito de preferência absoluto para o desempenho da quasi totalidade das profissões. A organização da «Volkliste» era um método indirecto de facilitar o acesso à nacionalidade alemã dos elementos polacos que se mostrassem dispostos a praticar a política de colaboração.

A inscrição destes elementos era, quasi sempre, consequência da aplicação de sanções económicas em relação a aqueles que não se decidiam a fazer a sua inscrição.

Os membros da «Volkliste» estavam divididos em quatro grupos. No primeiro figuravam os subditos polacos de nacionalidade alemã que, antes da guerra, já faziam parte de organizações alemãs hostis à Polónia. O segundo incluía os polacos que, embora tendo ascendentes alemães, não faziam parte daquelas organizações. Estes dois grupos gozavam das mesmas regalias e prerogativas que eram atribuídas aos subditos alemães que habitavam aquelas regiões. No terceiro e quatro grupos as inscrições faziam-se a título de experiência. Durante um prazo intermédio de dez anos os direitos que lhes eram conferidos podiam ser retirados desde que as provas de fidelidade dadas não fossem consideradas satisfatórias. No terceiro grupo figuravam os polacos que, embora não confessassem a sua origem germânica, nunca manifestaram simpatias abertas pela causa polaca. O último grupo abrangia os indivíduos que, mais ou menos claramente, se tinham mostrado adversos à penetração alemã.

Os elementos incluídos nas duas últimas categorias podiam inscrever-se nas forças armadas alemãs. Foram assim incorporados na Wehrmacht cerca de duzentos mil pola-

cos, na sua quasi totalidade recrutados entre os habitantes das províncias do Pomorze (corredor polaco) e da Silésia. Para estes indivíduos o uso da língua alemã era obrigatório. Os seus descendentes eram objecto de cuidados especiais, e a sua filiação nas organizações da juventude hitleriana era igualmente obrigatória. Este processo de germanização foi realizado tenazmente pelas autoridades de ocupação.

CIDADÃOS DE SEGUNDA CATEGORIA

Os polacos que, residindo nos territórios incorporados no Reich, não foram inscritos na «Volkliste» passaram a constituir uma categoria especial de cidadãos designados como cidadãos de segurança, categoria a qual foram retirados os direitos políticos. Além da supressão dos direitos políticos estavam sujeitos a medidas especiais, não podendo comparecer em determinados locais e devendo recolher o mais cedo possível às suas residências. Só lhes era permitido fazerem as suas compras em determinados armazéns, e as suas rações alimentares eram menores. O uso dos meios de transportes colectivos também lhes era permitido apenas em certas horas do dia e em condições previamente fixadas.

As medidas especiais tomadas pelas autoridades de ocupação em relação ao uso de determinados objectos, especialmente bicicletas e aparelhos de rádio, eram bastante severas. Tratava-se de evitar que o movimento polaco de resistência tomasse grande amplitude, e as providências adoptadas orientavam-se nesse sentido. A circulação de jornais clandestinos foi igualmente objecto dum vigilância aturada por parte das autoridades de ocupação que decretaram, para esse efeito, medidas restritivas muito severas.

Os problemas de abastecimento tanto das forças e autoridades de ocupação como da população civil constituíram uma das principais preocupações dos dirigentes alemães. O «gauleiter» da Poznania, Grelser, e o «gauleiter» da Silésia, Bracht, exerceram uma acção persistente no sentido de ligar a questão alimentar às exigências políticas da ocupação. Os polacos que trabalhavam para a indústria de guerra do Reich e aqueles que para o esforço de guerra do Reich contribuíam, de maneira directa ou indirecta, gozavam de regalias especiais nesse captulo, as quais eram explicadas pela natureza e pela intensidade do seu trabalho.

Com o decurso do tempo a acuidade desses problemas aumentou. Com ela aumentaram as restrições. Apesar de severo, o período que decorreu entre o começo da ocupação e o início da campanha de leste (Setembro de 1939 a Junho de 1941), foi relativamente mais benigno do que aquele que sucedeu à entrada das tropas alemãs em território soviético. A partir de Junho de 1941 as dificuldades alimentares cresceram na proporção das exigências da guerra.

(Continua na pág. 22)

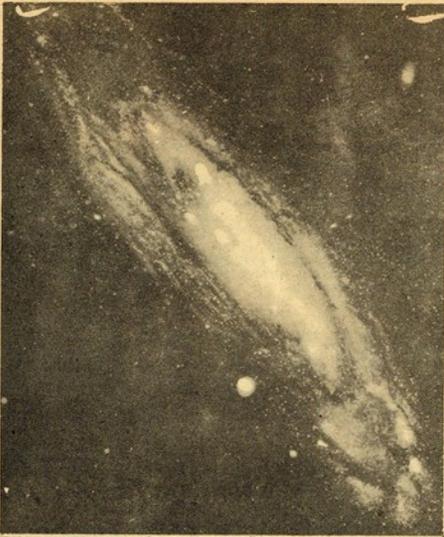


Cracovia, grande centro industrial da Polónia, foi tomada em Setembro de 1939 pelos alemães. Hitler enviava, então, para os campos de combate, na frente leste, carros munidos de aparelhagem sonora, para exibição de filmes como se vê na foto.



Atravez o espaço

Aqui temos uma extraordinária fotografia da nebulosa andrômeda, tirada na estação de astrofísica do Observatório de Paris, em Forcalquier, com um telescópio de 0,80. Esta nebulosa encerra milhares de milhões de sóis e encontra-se a uma distância dum milhão de «anos-luz». O «ano-luz» é uma unidade de distância em astronomia. Sabe-se que a luz caminha com uma velocidade de 300 mil quilómetros por segundo; portanto, num ano terrestre um raio de luz percorre $300.000 \times 60 \times 60 \times 24 \times 365$. Onde se conclue que a nebulosa Andrômeda se encontra aproximadamente a 9.500.000.000.000.000 quilómetros. O diâmetro da nebulosa é de 2 trilhões de quilómetros ou seja 500 vezes o espaço entre o Sol e Neptuno. Há todas as razões para crer que este universo é comparável à nossa Via Láctea.



O CURTO-CIRCUITO SEM MISTERIOS

TODOS têm ouvido falar em «curto-circuito», nos incêndios que tantas vezes provoca, mas raros sabem o que é realmente um curto-circuito.

A designação «circuito» quer dizer o «caminho» por onde a electricidade segue numa instalação qualquer, isto é, os fios, as lâmpadas, os motores, etc. Circuito dum lâmpada significa o caminho percorrido pela electricidade que alimenta essa lâmpada.

A electricidade, quando passa por um fio condutor, aquece-o mais ou menos, e pode pô-lo em brasa se a sua espessura (secção) for muito fina (haja em vista o filamento dum lâmpada eléctrica, que se põe em brasa de tal maneira que dá uma luz intensa). Quando se faz uma instalação, fazem-se todos os circuitos bastante compridos, para que a sua resistência à passagem da electricidade deixe só correr por eles uma corrente relativamente fraca para a secção do fio condutor e não o aqueça.

Um circuito comprido tem maior resistência que um circuito curto. Quando, por um motivo ou por outro, duas partes dum condutor se põem em contacto, estabelece-se um circuito mais curto, oferecendo, em geral, muito menor resistência eléctrica, e por isso mesmo deixando passar através de si muito mais electricidade, a tal ponto que essa parte do condutor se põe em brasa, fazendo arder a borracha que o envolve, e pegando fogo a tudo quanto está próximo. E isto com uma grande rapidez e algumas vezes numa grande extensão. E assim temos um «curto-circuito».

Mas fixe-se bem: um circuito não é às vezes tão curto como se poderia imaginar; por vezes é mesmo de certa extensão. Mas o que é decisivo é a «menor resistência eléctrica» dum circuito, em relação a outro onde não surgem os perigosos fenómenos apontados.

QUAL O PRIMEIRO ANIMAL DOMESTICADO?

EMBORA haja dezenas de milhares de animais com possibilidades de serem domesticados, apenas 50 espécies estão ao serviço do homem. E a domesticação destas espécies levou tempo enorme, centenas de milhares de anos.

Os homens primitivos começaram por caçar certos animais sem os matar ou mal-ferir, o que representa um problema complicado. Estes animais eram guardados afim de servirem de reserva alimentar.

Após investigações minuciosas, chegou-se a estabelecer a ordem provável da domesticação dos animais. O mais antigo animal ao serviço do homem, é o cão. Mas os biologists atribuem origens diversas ao cão. Os cães egípcios estariam ligados ao chacal, ao passo que a maioria das raças caninas nórdicas teriam o lobo como antepassado.

Só há vinte mil anos, no período da história da Humanidade em que os instrumentos de pedra utilizados pelos homens começaram a ser polidos, é que o boi, o porco, a cabra, o carneiro, entraram ao serviço do homem. E só depois surge o cavalo, de grande importância futura, como animal de carga e de guerra.

O aparecimento, como animais domésticos, da galinha, da rana e de outros pequenos animais, deu-se ainda mais tarde. O gato, então, só em plena Idade-Média surge no norte da Europa.

Note-se que os homens não descobriram dum vez só todas as vantagens dum animal. Por exemplo, o aproveitamento do leite de vaca como alimento só se deu muito tarde.

Os antigos pastores asiáticos, que dispunham do burro, do cavalo e do camelo, encontravam-se num nível superior, em relação aos povos pastoris africanos, que apenas possuíam o boi, animal lento e de pouco poder de carga.

A domesticação de animais representa um aspecto da luta do Homem com o ambiente biológico, e o seu progressivo domínio sobre a Natureza — que outras formas de actividade intensificaria ainda mais.

CIÊNCIA ELEMENTAR

Como se faz a cerveja?

A cerveja foi fabricada na Babilónia há cerca de 8.000 anos, sendo, talvez, a primeira bebida conhecida. Os princípios utilizados na sua fabricação não mudaram até aos nossos dias. Apenas se aperfeiçoaram os processos de fabricação. Tal como aconteceu nas outras indústrias, tem havido um grande desenvolvimento na aplicação de máquinas para se obter um grande rendimento e a sua produção em grande escala; e, por outro lado, devido ao grande progresso das ciências, os misteriosos fenómenos que se observam na fabricação da cerveja foram desvendados e passaram a ser controlados.

As matérias-primas para a fabricação da cerveja são o malte (principalmente de cevada), o lúpulo (substância amarga vegetal) e água. Podem empregar-se outros cereais além da cevada.

Primeiramente, os grãos de cevada são macerados com água e nela conservados até que germinem (arelem). O processo de germinação inicia-se dois ou três dias depois, mantendo-se a água a uma temperatura de 14 a 15 graus centígrados, e mudando-a duas a três vezes por dia. A cevada assim ensopada tem um cheiro agradável a maçãs. Ao fim de dez a treze dias, a germinação atinge o grau necessário, e, como se detem de ensopear os grãos, as pequenas raízes que nêles cresceram começam a secar. O cheiro a maçãs desaparece, surgindo em seguida um cheiro andlogo ao do juncu.

Acabado o processo de germinação, o malte contido nos grãos é amadurecido por cozimento, numa estufa, durante quinze dias, a uma temperatura entre 38 a 93 graus, conforme a cor do malte que se deseja: pálido ou âmbar. O malte castanho ou preto para colorir as cervejas escuras é obtido torrando-o durante um curto espaço de tempo a uma alta temperatura.

A preparação do malte é só a primeira fase na fabricação da cerveja. O malte tem de ser em seguida extraído, com água, num tunel de mistura, para obter cerveja não fermentada ou crua. Passa primeiramente por um moinho que separa a casca do grão, e o malte moído é misturado com água, a uma temperatura conveniente, na máquina de mistura.

Antes de poder passar para os tanques de fermentação, a cerveja crua quente deve ser arrefecida a uma temperatura de 14 a 15 graus centígrados, sendo da maior importância que durante o arrefecimento não possa ser infectado com micróbios prejudiciais. Nos aparelhos apropriados circula ar filtrado e esterilizado.

A pesada mistura de água e malte passa para o tunel de extração, que é uma grande cuba munida dum jacto de água revolvente e um fundo falso. A temperatura da mistura é conservada entre 63 a 68 graus durante uma hora ou hora e meia, afim de que os fermentos ou enzimas (e aqui entram em acção micróbios) completem a transformação química do amido e das proteínas (constituintes da cevada), transformação começada durante a germinação do grão. A cerveja crua escorre para fora através do fundo falso.

A cerveja crua é depois fervida em grandes caldeiras de cobre com a quantidade necessária de lúpulo. Esta fervura assegura a esterilização da cerveja crua, visto matar os micro-organismos produtores dos enzimas; extrai do lúpulo as substâncias que dão o paladar e o aroma à cerveja goaiva e elimina as proteínas que, conservadas, originariam uma cerveja turva e de mau gosto; e concentra a cerveja crua até ao estado necessário para lhe dar uma força conhecida e definida. Tem 3 a 7 % de alcohol.

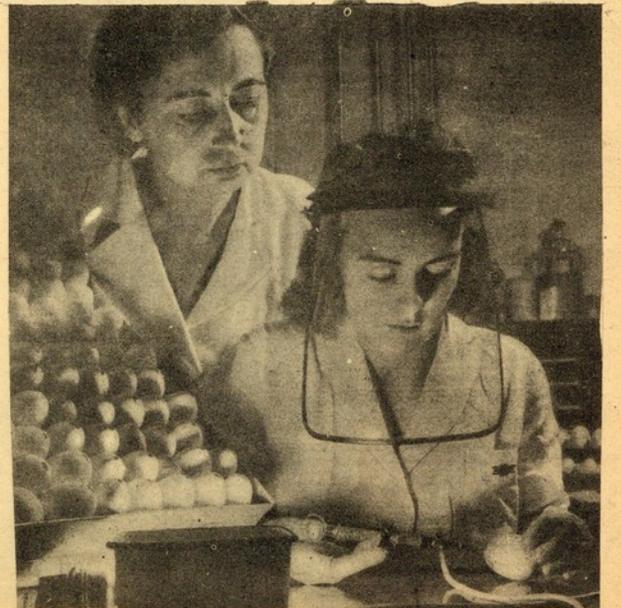
Quasi todas as fábricas têm o seu processo especial de fermentação, mas em todos os casos a cerveja crua é inoculada com levedura, deixando-se repousar até a fermentação estar completa. Durante este processo, as células do fermento multiplicam-se rapidamente; no fim da fermentação já há 3 a 5 vezes mais levedura do que ao principio. Uma parte é empregada na fermentação de nova cerveja; o resto é empregado na fabricação de alimentos para o gado e de outros produtos valiosos.

Só resta engarrafar e distribuir ao público. Há máquinas que lavam, enchem, arrolham e põem os rótulos nas garrafas, sem estas serem tocadas pelos operários. Máquinas assim, vigiadas por 6 operários, despacham 500 dúzias de garrafas de cerveja por hora.

TIFO CONTRA TIFO

O tifo, a «morte negra» dos antigos, embora provoque actualmente menos mortes do que antes, devido a uma misteriosa perda de virulência dos micróbios que o provocam, e ainda um inimigo respeitável.

Quando há grandes massas de homens vivendo em condições de extraordinária aspeza, com os corpos e os nervos fustigados, deve-se temer sempre o aparecimento de epidemias de tifo. Modernamente, preparam-se vacinas especiais anti-tíficas, injectando ovos com micróbios. O ovo é um meio de cultura excelente. Repare-se nas preocupações de que se rodeia a preparadora: uma viseira protege-a.





Uma grande escritora oriental

V há bem pouco tempo — e por mera casualidade — um volume da coleção «Fogos Cruzados», da Livraria Pion, intitulado «O Romance de Genji». Escrito há 1.000 anos por Murasaki é o primeiro livro de ficção em francês puríssimo por Kiku Jamata, uma das mais destacadas escritoras orientais dos tempos de hoje.

E da serena disposição em que esse delicioso «Romance de Genji» me deixou o espírito, veio-me, precisamente, este desejo de escrever um pouco acerca da simpática e talentosa Kiku Jamata, talvez desconhecida ainda para a maior parte das portuguesas leitoras.

Ela nasceu em França, na linda cidade de Leão, onde seu pai era cônsul geral do Japão. Pouco depois, porém, partiu para Tóquio, afim de se educar no ambiente dos seus antepassados. E aí aprendeu várias coisas a um tempo: estudou a língua inglesa, tornou-se perita em dactilografia, desvendou os misté-

rios da sua própria língua, dedicou-se à confecção de flores artificiais e sonhou, na delicada filigrana dos poemas breves e românticos...

Cédo, mostrou larga disposição para a vida agitada da Imprensa. E para avaliar os seus méritos, basta dizer que, muito nova ainda, foi nomeada secretária em Tóquio do «bureau da Associated Press».

Um dia, a saúde daquela França luminosa que ela conhecera em pequenina, atraía-a irresistivelmente. E ela partiu a caminho de Paris.

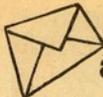
Tirou o Curso de Arte na Sorbonne, com alta classificação e percorreu vários países da Europa, fazendo conferências sobre Arte e Literatura.

Dos seus romances originais, cheios duma frescura poética e dum maravilhoso conteúdo humano, a crítica destaca «Masoko», onde a alma japonesa surge «scarinhosamente traçada por alguém que, de facto, penetrou todos os seus segredos antes de se votar à tarefa de tentar pintar-lhe os traços essenciais para o conhecimento de homens de raças inteiramente diversas».

Kiku Jamata, graciosa figura de menina-mulher, que tão bem sabia compreender os problemas da humanidade, dividia a sua existência entre Paris e Tóquio. Mas veio a guerra...

E hoje nem se conhece tão pouco o seu paradeiro. Desapareceu...

MARIÁLIA



Respondendo às leitoras

«Tenho vinte e três anos e um bonito cabelo, uns bonitos olhos e uns bons dentes. Dizem que também possuo boa figura. Contudo... sinto-me destituída quando olho o espelho. A minha cara é uma borbulha pegada. Bicos, pontos brancos, pontos negros, pontos arroxeados. Chego eu própria a sentir repulsa. Dizem-me que é «acne». Custa-me a acreditar. Acha que um bom produto de beleza me faria bem? Como fazer desaparecer os pontos negros?»

IRENE S. F.

Um caso de «acne», deverá ser tratado por um bom especialista de pele e quanto mais rápido, melhor. O «acne» apresenta-se às vezes com vários aspectos que se atribuem a diferentes causas.

A maior parte das causas do «acne» vem dum mau regime de alimentação ou da cutis mal limpa. É necessário muito cuidado com as esponjas do pó de arroz e do «rouge».

Os pequenos pontos negros, podem desaparecer, friccionando-se com um paninho de linho muito limpo, molhado em água e álcool. Dever-se-á escolher para lavagens um sabonete à base do enxófre.

Muitas vezes, são estes pontos negros que originam o «acne». Mal tratados, em vez de desaparecer, inflamam-se, incham e convertem-se em borbulhas róxas com ponta branca.

Aconselho-a, porém, a que consulte um bom médico, siga à risca o tratamento e use um sabonete suave e desinfetante, tendo o máximo cuidado ao lavar e enxugar o rosto para evitar o alastramento da infecção.

«...Gostaria de ter umas pestanas compridas e sedosas, umas pestanas escuras que contrastassem com a alvura da minha pele. Pode você indicar-me qualquer coisa que não seja «Rimel»?»

L. A. B.

Existe, na realidade, uma fórmula que me indicaram como dando bons resultados. Porém, nada posso assegurar, pois ainda a não experimentei. Mas ela aí vai e você fará o que melhor entender.

Vaselina, 300 gr.; tintura de cantáridas 0,30 gr.; óleo de alfazema, 8 gótas; óleo de alecrim, 8 gótas; óleo de ricino, 4 gótas.

«Como devo cortar as unhas ao meu marido? Rentas, ou em bico?»

PREGUNTADORA

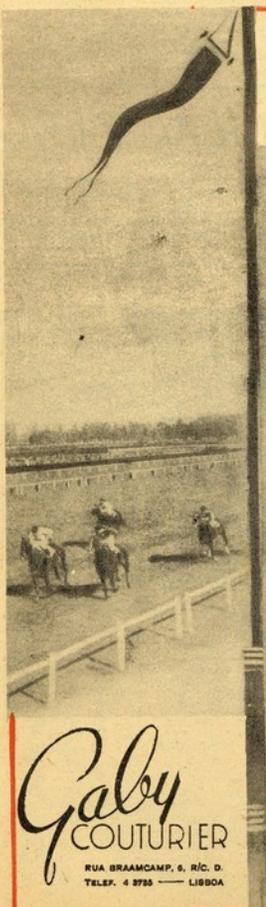
A sua pergunta tem resposta bem simples: As unhas de seu marido, a meu ver, é claro, não devem ficar rentas, nem em bico. Experimente arredondá-las um bocadinho, deixando-as formar uma pequena meia-lua e depois diga-me se ambos gostam assim!...

Os Nossos Modelos



Dois vestidos elegantes para o casino. Ambos são ornamentados com flores, feitas do próprio tecido dos vestidos.

Os modelos preferidos pelas elegantes amadoras de corridas de cavalos



Gaby COUTURIER
RUA BRAAMCAMP, 6, R/C. D.
TELEF. 4 8735 — LISBOA

A RECEITA DA SEMANA



MÔLHO-CREME

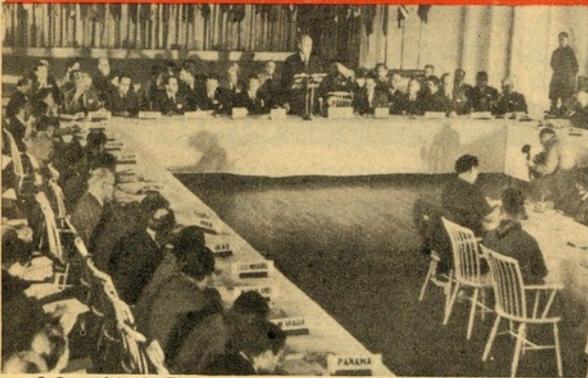
Gêmas de ovos, 3. Manteiga, 150 gr. Sal, pimenta, e sumo de limão. Deitam-se numa cacarola as gêmas dos ovos, e batem-se bem com uma porçozinha de água. Colocam-se depois ao lume em banho de Maria e continua-se sempre batendo até que faça espuma. Só então se junta a manteiga derretida, sal, um pouco de pimenta e sumo de meio limão. Continua-se, depois, batendo bem até que o creme fique espesso. Deixa-se então arrefecer e serve-se com peixe. Há ainda quem o aprecie com escalopes de vitela.

VAI PARA A PRAIA?

COM este belo tempo de sol, a praia é uma tentação. Corpo estendido na areia, o sol forte a acariciar a pele macia... Mas... Cuidado, amiguinha! Cuidado com a praia e os raios solares, se não queres ficar sem pele e com a carne em ferida. Logo no primeiro dia de praia deve aplicar uma camada de um bom óleo de amêndoas. E não se esqueça: 15 minutos de sol, para o primeiro dia, depois meia-hora, uma hora até que possa ficar por lá o dia inteiro... Se a sua pele for gordurosa, não se esqueça de utilizar o mesmo horário — mas, em lugar de aplicar

óleo de amêndoa, use antes óleo de côco. * * * Não use em caso algum pó de arroz, durante as horas de praia. Já reparou que, com os cremes, fica horrivelmente empastado? * * * Não exagere a falta de indumentária. Mas, pelo amor de Deus, não vá de meias nem vestido complicado para a praia. Prefira os tons claros — o branco, mesmo — porque sendo os que absorvem menos as cores, fazem, portanto, menos calor...

NOTAS DE GUERRA



O Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau, presidiu à conferência monetária que se efectuou em Bretton Woods, no Estado de New Hampshire. Quarenta e quatro nações unidas e simpatizantes se fizeram representar nesta conferência preparatória de outras conferências de sentido prático. A estabilização monetária no pós-guerra e outras importantes medidas foram então discutidas. Morgenthau disse na abertura da sessão: «Quando acabar a guerra, a prosperidade e a certeza da paz serão inseparáveis e igualmente divididas pelo mundo».



Eis o que uma família francesa escreveu na fachada da sua casa em La Mine, quando as tropas americanas, três semanas depois do começo da invasão, atravessaram aquela localidade: «Longa vida para a América, longa vida para a liberdade, — os franceses estão agradecidos aos americanos!».



O problema russo-polaco volta a atingir grande acuidade, com o reconhecimento, pela parte do governo soviético, de uma Comissão Nacional de Libertação. Os homens são insaciáveis nas suas ambições — mas a verdade é que aqueles que jogaram a partida em 1939, perderam-se e perderam a Polónia. Vemos, na foto, o gabinete polaco reunido em Londres, onde se refugiou a partir da queda da Polónia, para estudar o melindre da situação actual, e que Churchill e Eden não quiseram referir-se publicamente.



Eis a viúva de Sun-Yat-Sen, irmã da Senhora Chang-Kai-Chek e uma das três primeiras damas da China. Sun-Yat-Sen foi, como se sabe, o fundador da República chinesa — o «pai da China» moderna. Aqui na foto, sua viúva fala com o tenente-general Charles Robbourn, do exército norte-americano, durante um lanche com que foi celebrado o «Chin's Army Month...».

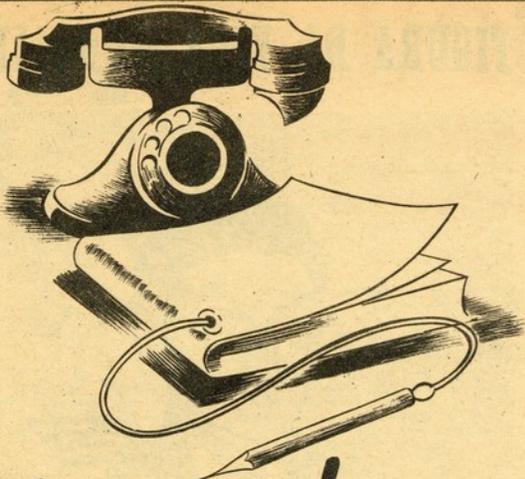
FIGURA DA VIDA MUNDIAL



EMBAIXADOR HENRY NORWEB — Depois de cumprida uma longa e brilhante carreira diplomática, Henry Norweb veio para Portugal, como enviado extraordinário do Presidente Roosevelt e ministro plenipotenciário em Portugal. Vinha do Perú, onde representara o seu governo como embaixador — e, ainda, como embaixador, chegava a Lisboa aquele que de facto o seria cerca de um ano mais tarde. No desempenho da sua missão, cumprida dentro de um programa de cordel entendimento luso-americano, o sr. embaixador Norweb socorreu-se, naturalmente, da sua cultura e inteligência sem desprezo por uma experiência adquirida através das altas funções que desempenhou na Europa, na Ásia e na América do Sul, durante vinte e oito anos de exercício diplomático ao serviço dos Estados Unidos, sua pátria, não obstante ter nascido em Inglaterra.

Além do mais — dos muitos cargos que desempenhou em Tóquio, Paris, Chile, etc., o sr. embaixador Norweb representou os E. U. na primeira Conferência Internacional da Rádio, que se realizou em Haia, e conselheiro da delegação americana à Sétima Conferência Internacional dos Estados Americanos, efectuada em Montevideo. Pacifista, crente de que os destinos do Mundo só se escrevem pelo caminho da guerra quando a paz se alicença em bases falsas, o ilustre diplomata serviu, ainda em 1936, como conselheiro especial na Conferência Inter-Americana para a Manutenção da Paz. Enfim, em 1914, o sr. Henry Norweb foi o presidente da delegação americana à Terceira Assembléa Geral do Instituto Pan-Americano de Geografia e História, realizado em Lisboa, em 1941. Hoje, o sr. Henry Norweb, que veio para Portugal em condições tão honrosas, ocupa de direito e de facto o alto cargo de embaixador, junto do governo português — o primeiro embaixador americano, porque, como se sabe, a legação dos Estados Unidos só há meses foi erguida a embaixada.

(Caricatura de SANTANA)



Tome nota!
21368

é o número do telefone
dos ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L. DA

OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

BERTRAND (IRMAOS), L. DA

TRAV. DA. CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
				(Meia hora de programa especial)			
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

História da Guerra

(Continuação da pág. 18)

A ATITUDE DA IGREJA

O clero católico na Polónia ocidental constituiu sempre um dos principais obstáculos à germanização das províncias incorporadas no território do Reich. Já durante o período da dominação alemã na Polónia, depois da partilha deste país no século XVIII (1772-1918), a resistência à germanização fora, em grande parte, obra da igreja, que procurava manter o fogo das tradições nacionais e da independência polaca.

Depois de 1939, o clero católico foi, tendo em atenção os ensinamentos dum passado relativamente recente, objecto de vigilância e, em alguns casos, de sanções por parte das autoridades de ocupação. O número de paróquias vagas aumentou rapidamente, e não foi menos o número de igrejas encerradas ao culto por diversos motivos. Estabeleceu-se uma distinção entre as igrejas destinadas à frequência dos alemães e aquelas que se destinavam ao culto dos católicos polacos.

Sob o ponto de vista da exploração económica das províncias polacas do ocidente incorporadas no território do Reich, as autoridades de ocupação organizaram rapidamente a sua vida industrial e agrícola. Essa organização orientou-se no sentido de se conseguir o maior rendimento possível para que a eficiência da máquina militar do Reich, na Europa Oriental, não tivesse de sofrer quaisquer transtornos com a evolução e com as vicissitudes da luta em outros teatros de operações.

Os operários polacos foram empregados em larga escala e, em muitos casos, enquadrados por especialistas alemães. A utilização do potencial humano da Polónia, tanto no domínio industrial como no domínio agrícola, constituiu uma contribuição apreciável para o esforço de guerra do Reich, sobretudo à medida que aumentaram as exigências da campanha que a Wehrmacht conduziu na Rússia depois de Junho de 1941.

Este acontecimento exerceu uma influência decisiva na evolução dos acontecimentos a leste. Sem ele, certamente, a ocupação da Polónia teria seguido um caminho diferente. Mas os resultados dessa ocupação têm de

**AJA
DENTAL
CREAM**

A Pasta dentífrica AJA recomenda-se pela sua esmerada propagação e pelas suas propriedades antisépticas.

**AGUARDENTE VELHA
Niepoort**

ser avaliados pelos efeitos que produziram não apenas na vida da Polónia, cujas dificuldades aumentaram incessantemente, mas em função da condução da guerra nos campos de batalha que se tornou a preocupação absorvente, quasi exclusiva, dos dirigentes do Reich e dos seus colaboradores.

(Continua)

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes são e holer terá V. Ex. na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-2.º — LISBÓA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 40

Por: Vitorino de Sousa Velverde (Nazaré)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Urgência. 2 — Sobrenome do director da secção «Passatempo». 3 — Ilhargá; carta. 4 — Tornei a ver; engana. 5 — Frangência; fôlhas de palmeiras. 6 — Astro; composição poética. 7 — Pedra de altar; nome de homem. 8 — Governar; apelido. 9 — Preposição; liga de metais. 10 — Grande extensão de água saigada; escudeiro. 11 — Linda praia portuguesa.

VERTICAIS: I — Avelmelhar. II — Leitores. III — Casa de jôgo. IV — Rogar; atracção. V — Troço; batráquo. VI — Prefixo designativo de movimento. VII — Pronome reflexo. VIII — Afirmativa; aparência. IX — Charrua; brilho. X — Que contém apologia. XI — Nome de homem. XII — Pequeno crustáceo isópode de água doce.

PROBLEMA N.º 39

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Java; mesada. 2 — Areia; sarar. 3 — Dá; amo; cama. 4 — Eis; armaram. 5 — Sol; ais; sé. 6 — Bel; ato. 7 — Ar; val; eco. 8 — Ravista; aba. 9 — Ágia; ali; el. 10 — Boana; amara. 11 — Esmola; alos.

VERTICAIS: 1 — Jade; carabé. 2 — Arais; regos. 3 — Vê; sob; viam. 4 — Ala; leviano. 5 — Ama; ias; al. 6 — Ora; itá. 7 — Es; mia; ala. 8 — Sacaste; imã. 9 — Arar; oce; al. 10 — Damas; obero. 11 — Arames; alas.

DAMAS

(Secção espanhola)

«La Provincia» — Las Palmas (Espanha)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora Telde — G. Candria — Espanha

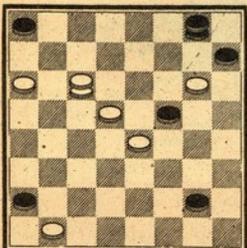
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

Composição n.º 8 (Problema)

Lema: «Damófilo II»

«La Provincia», 9-8-944 — Las Palmas (Espanha)

Pretas: 1 «dama» e 5 «pedras».



Brancas: 1 «dama» e 5 «pedras».

Mate em 4 jogadas.

Colocação das peças:

Brancas: Pedras em 4, 14, 19, 21 e 24. «Dama» em 23.

Pretas: Pedras em 5, 8, 18, 25 e 32. «Dama» em 29.

PROBLEMA N.º 1 (Inédito)

Dr. Carlos R. Lafora

Solução

- 1.º — 18-21 — 26-1 (b) ª
- 2.º — 24-28 — 15-29 (a)
- 3.º — 32-28 — 1-28
- 4.º — 15-22 ou 26.
- 5.º — 8-29 mate custo.
- 6.º — 15.2
- 7.º — 21-30 — 2.9 (c)
- 8.º — 23-5 — 9.2
- 9.º — 8-15 mate.
- 10.º — 2.6 ou 11.
- 11.º — 8-15 mate custo.

DEMONSTRAÇÃO DA LEGALIDADE

Posição inicial:

B — «Damas» em 3 e 8. Pedras em 5, 13, 14, 16, 18 e 4.

P — «Damas» em 15, 22, 27 e 30. Pedras em 12.

Brancas jogam: B. 14-19, 27-20; B. 16-23, 30-20; B. 3-23, 22-26 e estas no problema.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

(Continuação)

da conveniência de jogar sobre as brancas de onde ressaltam mais as peças que sobre o fundo preto. Isto é, além disso, muito necessário porque o jôgo de «damas» tem muita precisão que as organizações de todas as nações chegaram a um acordo e unificaram seus regulamentos, já que a diversa forma de jogar é devida ao atraso da teoria deste famoso jôgo. Conceito este sobre o qual falaremos no nosso artigo seguinte.

Para que o leitor se capacite bem vamos dar-lhe uma idéa das formas distintas de jogar as «damas».

JOGO CLASSICO

O espanhol, que se joga em Espanha, Portugal, América latina e África do Norte. Linha principal ou maior da direita para a esquerda, obrigação de tomar o maior número de peças, etc.

JOGO À FRANCESA

Linha maior à esquerda, não é obrigatório tomar o maior número de peças; as «damas» não podem saltar, são como as pedras que vão para diante e para trás só para tomar. Joga-se em França, Itália, Inglaterra, Alemanha e América do Norte.

JOGO À ALEMÃ

Além do anterior joga-se outro igual ao nosso. Porém, as «pedras» tomam para diante e para trás e a linha central está à esquerda.

JOGO À ITALIANA

Igual ao jôgo à francesa, mas as «pedras» não podem tomar as «damas».

JOGO À POLACA

Tem a linha central à esquerda, tabuleiro de 100 casas e as «pedras» tomam, como no jôgo à alemã, em todas as direcções.

Como o leitor pode ver, há para todo os bostos; porém, impede os torneios internacionais, as revistas mundiais, os campeonatos do Mundo, e é a causa, por isso mesmo, do atraso na teoria, fazendo com que este jôgo tão científico esteja mais atrasado que o xadrez, que é muito mais moderno.

III

ESTADO ACTUAL DA TEORIA DO JOGO DAS «DAMAS» — CAUSAS DO SEU ATRASO

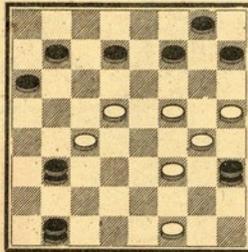
O jôgo das «damas», dizíamos no nosso artigo anterior, é mais antigo que o xadrez, tanto que há quem opine que no cerco de Tróia já se jogava, e a sua introdução em Espanha atribue-se aos árabes. Tanto as «damas» como o xadrez passaram de Espanha para os outros países da Europa segundo afirma o autor alemão Kredner. No entanto, prescindindo disto e atendendo nós somente à teoria, podemos afirmar que, assim como os primeiros livros de xadrez

foram de espanhóis — Lucena, Ruy Lopez, etc. — também o foram os das «damas», pois em 1547 escreveu-se em Valência por Antón Torquemada o primeiro livro sobre o jôgo de «damas», que se conhece; em 1591 foi publicado por Pedro Ruiz Montero o segundo livro conhecido, e a terço se seguiram Lorenzo Vallino Míron del Castillo (1635), Juan (1597), Juan Timoneda (1638), Antó-1684 se publicou o primeiro livro Garcia Canalejas (1650), e só em estrangeiro, por Mallet, em França, e fôsse porque tivesse mais difusão, ou fôsse porque fôsse, o caso é que assim como o xadrez se chamou jôgo de Fildor, esquecendo a Lucena e Ruy Lopez, ao jôgo de «damas» de origem espanhola se lhe chamou de «damas» à francesa. (Continua)

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 46 (Concurso)

Por: António José Loureiro (Póvoa do Varzim)



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 13

(F. Henriques — Almeirim)

Solução

1.ª hipótese

29-25	9-13!	24-28	25-5
32-14	17-10!	14-32	P.

2.ª hipótese

29-25	25-14!	9-18
17-13	32-10!	P.

3.ª hipótese

29-25	9-18	18-22
18-13	32-23	17-13

25-11	11-2
-------	------

13-9 (ou 10) P.

PROBLEMA N.º 45 (Concurso)

Solução

23-27	1-5	11-14	3-7
30-23	23-1	1-19-26	20-11

7-14-21-30 g.

P.

CORRESPONDENCIA

Raúl Duarte Girão (Pernes) — Os seus problemas saem em breve.

Bonifácio Augusto Gomes, Marcelino Pécero e José Trindade Martins (Vila Viçosa) — Num dos próximos números publicaremos problemas da vossa autoria. Aguardo e agradeço mais produções.

José António dos Reis Martins (Caminha — Minho) — Os seus problemas estão todos bons. São todos publicados.

Dr. Carlos R. Lafora (Telde — G. Candria) — Estou-lhe bastante grato por me ter dedicado o seu problema. Muito obrigado e mande sempre.

Francisco A. Henriques (Almeirim) — Estou sempre ao seu dispor. Está melhorzinho? Sempre amigos.

António Lopes (Ovar) — Ainda não recebi a fotografia com a dedicatória.

Ventura vem à cidade



— Ó Ventura, que dizes «se a gente fôssemos» passar a nossa «Lua de Mel» à «cidade»!... Diz 'prai o povo que lá nos arrecebem muito bem!...



— Bés, Bés!... Ventura!... Sempre é «berdade» o que diziam no nosso povoado!... Esta gente de Lisboa é tão delicada qu'até nos «arrecebem» de braços abertos!...

RESPOSTAS AOS PROBLEMAS DE TEM CONFIANÇA NOS SEUS OLHOS?

I — Dada a pouca precisão das silhuetas, os cavaleiros tanto podem ir como vir.

II — Os círculos são iguais. Não parecem, por causa dos círculos negros.

III — Olhando bem, muito bem, vê-se que o segmento de baixo é a continuação do primeiro segmento de cima.

Então, que tal, tem confiança nos seus olhos? E não fêz batota?

"Corrente de ar"

Novela de LUCIENNE MORNAY

Nessa manhã, Oscar Latrelle passeava lentamente pelas ruas de Neully. Não obstante o seu nome de velho ébrio, Oscar Latrelle era um homem novo, um belo tipo mesmo de pele morena, elegante, vestindo bem e a quem geralmente bastava posar o olhar com uma leve insistência sobre as mulheres bonitas, para que estas sorrissem ou corassem, segundo o seu temperamento.

Neste momento, porém, Latrelle não estava absorvido por qualquer espécie de conquistas — pelo menos conquistas de natureza frívola — e, no horizonte que o cercava, nenhuma mulher se divisava por agora. Para melhor dizer: não se divisava mesmo ninguém — e isso era uma das mais cativantes graças da pequenina villa dos arredores de Paris. Assim, ele podia à vontade auscultar a fachada dessas belas casas enclaustradas nos jardins, avallar o seu recheio e a vantagem de lhe fazer uma visita tão inesperada e silenciosa quanto possível. Porque — sintomática e obrigada a dizê-lo — Latrelle era um ratoneiro.

Tinha mesmo reparado já em dois ou três pavilhões graciosos, cujas persianas estavam pudicamente fechadas, quando aquela voz de mulher gritou: «Eh! Pá!».

Por muito que se pensasse contrário, a verdade é que não é fácil ouvir uma voz feminina gritar: «Eh! pá!» — e muito menos numa rua deserta. Porque, numa rua deserta, éste «Eh! pá!» se dirige forçosamente a ele? Mas, então, se fosse numa rua sua conhecida e cheia de trânsito não lhe soaria do mesmo modo ao ouvido?

Oscar Latrelle, numa emergência tão estranha, concluiu que precisava de ter muito sangue-frio. E, sem um estremeamento, levantara simplesmente a cabeça para a janela, donde o ouvido infalível lhe assegurava que tinha partido o grito.

Não se enganara, de resto. Nessa janela, aberta no 5.º e último andar, estava prédio de excelente aparência, enquadrava-se uma cabeça loira e um braço acenava. A cabeça parecia linda. O braço estava com certeza vestido de cinzento. E, na extremidade desse braço, um embrulho branco brilhava. A mão abriu-se e o embrulho foi cair aos pés de Oscar Latrelle. Era um pequeno estajo que estava vazio — perdão, que tinha dentro um papel. Oscar desdobrou-o e leu: «Se é um cavalheiro, venha em meu auxílio!».

Dois minutos mais tarde, Oscar provava que era um cavalheiro, penetrando num aposento, cuja porta se lhe abria propositadamente — um aposento luxuoso, embora um pouco em desordem.

Esperava-o uma rapariga. Era realmente loira, era realmente linda e estava realmente de cinzento — um «tailleur» de excelente corte, como Oscar pôde verificar.

— Desculpe este apêlo, senhor — disse a rapariga. — Vou sair imediatamente em viagem. O meu portieiro está ausente e não tenho ninguém que me ajude a transportar estas duas malas. Que havia eu de fazer senão pedir o seu auxílio, ao senhor, o único ser vivente neste deserto imenso?

O coração de Oscar batia como se fosse de colegial. Mas ainda pôde garantir-lhe que tinha feito muito bem, que era a única solução porque era ele o único cavaleiro andante destas paragens, capaz de vir em seu auxílio...

— Levar estas malas, para mim, é uma brincadeira de criança, Mademoiselle — disse Oscar mesmo sem lhes tomar o péso. Depois, é um prazer ser útil à mais linda, loira e extraordinária das habitantes de Neully — terminou ele, já avaliando o péso das «valises».

Pouco a pouco, Oscar como que se deixou prender por um lirismo transbordante. Mas a rapariga parecia estar com muita pressa, de maneira que fingia não dar conta das disposições que o rapaz manifestava para confissões mais íntimas.

— Mal tenho tempo para lhe oferecer um cálice de «Pórtos» — disse ela.

E acrescentou com um sorriso: — Só para si, porque eu não bebo e val perdoar que o não acompanhe — esclareceu, enquanto se dirigia a um pequeno «bar» donde retirava um «baccarat» magnífico, cheio de um vinho delicioso de aparência. Rápidamente, encheu um copo de cristal.

Oscar olhava-o admirado da elegância e precisão dos seus gestos, só lastimando que as mãos estivessem escondidas sob as luvas.

E ele que tanto gostaria de lhe ver as mãos!

Latrelle ergueu o cálice e teve um gesto cerimonioso a que ela correspondeu com um sorriso iluminado, como se dissesse:

— Obrigado!...

Enfim, era preciso partir. Oscar pegou corajosamente nas duas malas em coiro da Rússia. No íntimo, maldizia a mania das mulheres transportarem, nas viagens, quantas bugigangas lhes vêm à cabeça, só para tornar as malas tão pesadas. Mas era conveniente manter o seu sorriso juvenil e simpático — e Oscar sorriu, de facto.

Quando chegou à estação — que por sinal ficava longe — Oscar mantinha ainda esse sorriso juvenil e simpático como expressão máxima da sua força física e moral. Entretanto, ele bem sentia as pernas a vergarem-se-lhe e o desgosto de uma aventura que terminava.

Antes de se despedir da rapariga, Oscar aproximou-se e pediu em voz cariciosa: — Ao menos, diga-me o seu nome, para que guarde uma recordação sua...

Ao mesmo tempo, sem que ela desse por isso, e para ficar certo de que guardaria uma recordação dela, despregava negligentemente, e por hábito, o magnífico alfinete de platina e brilhantes que lhe apertava a blusa de seda côr-de-rosa.

— Val sentir uma decepção — disse a rapariga. — Como tôda a gente, chamo-me Suzanne.

— Como ninguém, chama-se Suzanne, não é isso o que quer dizer? Em todo o mundo, que não ficasse muito tempo a seu lado.

E, pouco depois, estupidamente só, na «gare», olhava a última carraagem que se perdia ao longe...

Oito dias mais tarde, qualquer coisa de vagamente indefinido e saído do se mantinha na sua alma, quando, ao passear nos arredores de Saint-Martin, sentiu que uma mão lhe tocava no ombro, enquanto uma voz muito sua conhecida lhe soava aos ouvidos:

— Bom dia, Oscar...

não há outra Suzanne que use o seu nome com tanta graça.

Estava tudo dito.

Ela estendeu-lhe a mão, desta vez sem luva, e Oscar pôde constatar que era tão linda como supusera.

O combóio aproximava-se. Ele chegou-lhe, pela última vez, as duas malas, subiu à carraagem a colar-lhas no seu lugar e desceu quasi em seguida, porque Suzanne lhe pediu

— Bom dia, Inspector. Que prazer vê-lo, nem faz idéia!

— Tens a certeza de que estás satisfeito?

— Mas, absolutamente!

— E curioso... Queres, então, acompanhar-me?

Oscar Latrelle fez uma pequena careta significativa e, ao mesmo tempo, teve um olhar admirado. Mas como ele não tinha nada, nada mesmo a recrminar-se excepcionalmente — seguiu alegre ao lado do Inspector Judic. Conhecia-o tão bem e havia tanto tempo! Porque ele não havia sido sempre ladrão...

Assim que o Inspector se instalou, tão bem quanto possível, à desconfortável secretária, ergueu para Oscar os olhos maliciosos e perguntou-lhe com voz doce:

— Então, os teus negócios vão tão mal que já não tens umas luvas para oferecer-te?

O pobre Oscar não compreendia nada. O outro continuou:

— E, depois, quando bebes «Pórtos» em casa das tuas vítimas, nem sequer te lembras de pagar as impressões digitais?

Esta última frase foi para Oscar uma verdadeira revelação. Compreendera tudo:

— Ah! a espartalhonha! — disse ele simplesmente.

O Inspector, que o conhecia bem, começava a farejar um mistério.

— Conta lá — disse Judic.

E Oscar Latrelle contou tudo, porque estava furioso. Três minutos depois, porém, já estava arrependido de falar.

— Como é ela? — perguntou o Inspector.

— Pequena e morena.

— Alta e loira — emendou a velha raposa do polícia. — Já sei, é o costume. Aquil chamamos-lhe «corrente de ar»...

— Pequena e morena, já lhe disse.

— Homem, estamos de acordo, porque em linguagem cifrada isso significa alta é loira.

É bem feliz por a teres visto e, garante-te, era capaz de dar um maço de cigarros para ter o mesmo gosto. É a mais hábil das ratoneiras da França. Tem mais de mil «trucks» no saco — e todos diferentes... Se calhar, meu velho, vou sentir-me obrigado a ficar contigo mas isto vai, com certeza, acabar mal...

E acabou mal, porque os juizes só dificilmente acreditam em histórias extravagantes. Para falar com mais propriedade: eles não têm imaginação. E, durante seis meses Oscar

(Continua na pág. 14)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA - TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª - Trav. Condessa do Rio, 27